

Universidade do Porto
Faculdade de Belas-Artes

“já não se fazem revoluções assim”

A Imagem Documental na Construção da Memória do 25 de Abril de 1974



Manuel Alfredo da Silva Lourenço Brázio
(LICENCIADO)

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em:
DESIGN DA IMAGEM

Professor Doutor Heitor Alvelos
(ORIENTADOR)

Professor Adriano Rangel
(CO-ORIENTADOR)

Porto, 2008

Dedico este trabalho,

á memória dos meus Avós,
que nunca esqueço,

e

ao meus filhos, Manuel e Filipe,
pelo direito a compreenderem porque se fez o 25 de Abril.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Heitor Alvelos, pela disponibilidade que sempre demonstrou, pelo pragmatismo na análise ao desenvolvimento da investigação e pela motivação que transmitiu.

Ao Professor Adriano Rangel, que se revelou referência pelo seu conhecimento e discurso no que concerne ao universo imagético e também pelas indicações claras com que me orientou na fase de definição da metodologia.

Ao Paulo Rodrigues, mais do que o sociólogo uma ajuda disponível, crítica e desinteressada.

A todos aqueles que disponibilizaram (imprescindíveis) documentos das suas bibliotecas.

Aos poucos amigos com quem dialoguei sobre o tema e que contribuíram quando solicitados.

À minha família, por tudo. Mesmo.

Universidade do Porto
Faculdade de Belas-Artes

“já não se fazem revoluções assim”

A Imagem Documental na Construção da Memória do 25 de Abril de 1974

Manuel Alfredo da Silva Lourenço Brázio
(LICENCIADO)

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em:
DESIGN DA IMAGEM

Professor Doutor Heitor Alvelos
(ORIENTADOR)

Professor Adriano Rangel
(CO-ORIENTADOR)

Porto, 2008

NOTA AO LEITOR

As Referências Bibliográficas foram elaboradas de acordo com as seguintes Normas Portuguesas: NP 405-1 para os documentos impressos; a NP 405-2 para os materiais não livro; a NP 405-3 para documentos não publicados; a NP 405-4 para os documentos electrónicos.

A referência: 25 de Abril de 1974, para simplificar a leitura, surgirá assim legível: 25Abr74

Considera-se que o conteúdo do presente documento escrito deve ser tido em conta mediante a visualização do documentário em anexo «já não se fazem revoluções assim» [dvd] .

As imagens apresentadas no documentário destinam-se exclusivamente a fins académicos.

RESUMO

«Já não se fazem revoluções assim - A imagem documental na construção da memória do 25 de Abril de 1974», insere-se no campo de estudos de *design* da Imagem e enquadra-se no Projecto “Imagens Narrativas e Documentais” do Departamento de Design da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

A investigação propôs-se contribuir com uma reflexão sobre a função do documental no âmbito dos dispositivos fotográficos e fílmicos num contexto de design e memória.

A problematização incide na questão de aferir se as imagens documentais, captadas no período da revolução de 25 de Abril, serão elemento suficiente capaz de narrar o(s) acontecimento(s) e perante o espectador funcionarem como memória, ao serem apresentadas, agora, sob a forma de documentário.

Reconhece-se a presente dissertação como projecto de investigação aplicada, tendo produzido um aparato visual, instrumento metodológico representativo do tema em reflexão, a par de uma componente teórica que o fundamenta e, em que ambas as vertentes, são preponderantes para o desenvolvimento da mesma.

Palavras-chave:

design; imagem; documental; memória; fotografia; documentário; 25 Abril 1974; revolução;

ABSTRACT

«There are no longer revolutions like this.»The documental image in the structure of the 25Th April 1974 memory», is within the studies of the design of the image and fits in the Project “Documental and Descriptive Images” of the Department of Design of the Faculty of Fine Arts from de Oporto University.

The investigation contributes to a reflection concerning the function of the documental in the ambit of the photographic and film devices in a context of design and memory.

It is questioned if the documental images, captured during the period of the 25th April revolution, will be enough as an element able to describe the occurrence(s) and before the spectator work as a memory, as being presented, now, as a documentary.

To acknowledge the present dissertation is a project of applied investigation, having produced a visual display, methodological representing the theme to reflection, aside of a theoretical component which fundaments and in both ways, are preponderant to its development.

Key-words:

design; image; documental; memory; photography; documentary; 25th April 1974; revolution

SUMÁRIO

Nota ao leitor	06
Resumo	07
Abstract	08
 CAPÍTULO I – Introdução	10
Problematização	13
Objectivos	13
Motivação	13
Enquadramento FBAUP.....	14
 CAPÍTULO II – Abordagem Teórica	
Imagem Documental	16
Memória	18
Documentário	22
Relevância da teoria no trabalho prático	26
 CAPÍTULO III – Objecto prático	27
Metodologia	27
A fita do tempo	30
 CONCLUSÃO	44
 BIBLIOGRAFIA	45
 ANEXOS	
Referência imagética – fontes	53
Autores de imagem na revolução	58
Síntese técnica de objectos fílmicos observados	60

CAPÍTULO I

1.1 INTRODUÇÃO

«**Já não se fazem revoluções assim** - A imagem documental na construção da memória do 25 de Abril de 1974», é título da presente investigação. Com o propósito de materializar uma reflexão sobre a função do documental na construção da memória, no âmbito dos dispositivos fotográficos e fílmicos, no citado período, o projecto de investigação aplicada, produziu aparato visual, instrumento metodológico representativo do tema, bem como uma componente teórica que o fundamenta.

O Problema demanda na questão de perceber, se as imagens documentais, captadas no período da revolução de 25 de Abril e apresentadas no supracitado citado dispositivo visual, este será elemento suficiente capaz de narrar o(s) acontecimento(s) e perante o espectador funcionar como memória.

O trabalho insere-se no campo de estudos de *design* da Imagem e enquadra-se no Projecto “Imagens Narrativas e Documentais” do Departamento de Design da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

O tema da *revolução de 25 de Abril* tem prestações de investigação, ao que posso conhecer, em grande parte oriundas do campo das Letras, essencialmente trabalhos históricos. Segundo Maria Inácia Rezola¹ : “ *Apesar da historiografia ser ainda dominada por uma geração que viveu e participou activamente nos acontecimentos de Abril, começa a emergir uma nova geração de investigadores que, há época, ainda nem chegara aos bancos da escola. Um olhar crítico, renovado e curioso, que tem contribuído para um melhor conhecimento de realidades tão características do Portugal Revolucionário.*”²

Particularmente, refiro que à data de Abril eu iniciava a escola primária, pelo que assumo pois a distância suficiente.

No campo da Imagem, permitiu esta pesquisa, reforçar o conhecimento sobre produções imagéticas que versam concretamente o período da Revolução de 25 de Abril. Assim, é de assinalar a publicação do jornal O Público, em formato dvd, intitulada «25 de Abril 30 anos» que incluiu os documentários: *Portugal 74-75; As Armas e o Povo; Outro País – Memórias, Sonhos e Ilusões...Portugal 1974/1975; Natal de 71; Brandos Costumes; Notícias da RTP; A Noite do Golpe de Estado; Duas Histórias de Prisão, Os Índios da Meia Praia; Torre Bela; Bom Povo Português*. Este último editado igualmente em versão individual por Costa Castelo Filmes, que editou também: *Deus, Pátria, Autoridade – Cenas da Vida Portuguesa 1910-1974*. Ainda na mesma colecção de O Público podemos encontrar os seguintes trabalhos de ficção: *Se a Memória Existe; Amanhã; A Noite Saiu à Rua; O Cravo da Liberdade e Canções de Abril* (formato áudio) .

¹ Investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, doutorada em História Institucional e Política Contemporânea pela mesma Universidade.

² REZOLA, Maria Inácia – **25 de abril mitos da revolução**: a esfera dos livros, 2007. ISBN 978-989-626-054-5

É de digno de destaque a produção fílmica realizada por Maria de Medeiros, *Capitães de Abril*, uma ficção que retrata o acontecimento. Como referência indica-se que ao visualizar se identificaram cenas construídas a partir de registos documentais fotográficos, depois casualmente comprovado *making off*.

Em Anexos, apresenta-se informação técnica e sinopses de alguns destes filmes indicados por serem objectos de estudo profundo.

Importa referir a existência de muitos outros filmes: “a pesquisa diz que há mais de quarentas filmes realizados por cineastas estrangeiros sobre o processo revolucionário 1974-1975. Nenhum filme com cópia em Portugal”³. Esta afirmação, em legenda no final do filme citado, é inquietante na medida em que existem, mas não existem no país onde a revolução aconteceu, estes documentos capazes, quiçá, de acrescentar algo à História.

Em termos fotográficos a exclusividade não é dos fotógrafos portugueses, a exemplo, a Magnum Photos tinha em Portugal fotógrafos que no dia e posteriormente no período revolucionário, registram fotograficamente o país e a revolução.

O documentário «**Já não se fazem revoluções assim** - A imagem documental na construção da memória do 25 de Abril de 1974», materialização imagética da reflexão sobre o tema, obedeceu a uma profunda pesquisa e análise sobre dispositivos imagéticos existentes, como este texto cita, são alguns os aparatos fílmicos que se podem observar, foram de resto eleitos como objectos de trabalho.

Permito-me assim entender que o presente documentário se diferencia dos “trabalhos” acima referidos desde logo porque a imagem que pode ser observada, é pública e disponível a todos quantos as desejem conhecer, sem que para isso tenham de ser investigadores ou tenham recorrer a organismos detentores dessa informação.

A imagem seleccionada na investigação levada a efeito, é unicamente “imagem real” apropriada aos registos anteriores; distancia-se imediatamente dos trabalhos ficcionais. Mas também porque esta atitude projectual – apropriação⁴ – é conceito relevante e visível na prática levada a efeito.

A fundamentação histórica é rigorosa, assenta no cruzamento de informações e referências bibliográficas de diferentes fontes e díspares autores, isto, pode suceder nos outros trabalhos mas neste, ressalta a importância de se sustentar numa fita de tempo, construída a partir da leitura do livro *Alvorada em Abril* de Otelo Saraiva de Carvalho e de digitalizações das folhas originais de registos de ocorrência no Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas na própria noite e dia do golpe de estado, assim de uma forma linear e cronológica – porque o golpe ocorreu com movimentações simultâneas, nem sempre coordenadas e dispersas no tempo e espaço – a imagem surge contextualizada temporalmente à data, e, um uso evidente de legendas (que pretendem funcionar também elas como imagem) descrevem, passo a passo, o desenrolar dos acontecimentos, claramente num conceito de organização da informação que se pretende comunicar.

A narrativa é constituída pelo recurso a imagens (fixas e movimento) de diferentes autores, logo, não se limita à visão de apenas “um olhar”, num exercício visual de envolvimento de diferentes reportórios, mas por força dos objectivos do projecto que se reúnem na procura de uma imagem de consciência – memória.

³ TREFAUT, Sérgio; *Outro País – Memórias, Sonhos e Ilusões...Portugal 1974/1975* [dvd]. Lisboa: RTP, 1980. (1 DVD; 700min; pb). Ao tempo 01:08:11.

⁴ “A apropriação criativa de imagens e sons provenientes dos mais diversos objectos culturais é um tributo ao seu valor na construção do conhecimento legado às novas gerações...” in <http://newsletter.up.pt/pt/actualidade/1352/?page=22>

É a contribuição do ponto de vista do autor que não se recusa a assumi-lo, o potenciar da relação deste com uma realidade colectiva, questionando-me, com humildade, se este atributo não permite validar um ponto de diferença também?

No ensaio “O viúvo – memórias do fim do império” , abordando a temática em questão Fernando Dacosta, diz: “...mas há sempre diferença entre a imagem de uma coisa e a realidade dela.”⁵, assim na minha opinião, é pois pertinente a investigação também imagética deste tema, confinada ao período que se elege como universo temporal por nele ocorrerem quer os acontecimentos, quer a (inicial) mediatização, a tratar.

“Eram 18h40m do dia 25 de Abril, quando as primeiras imagens televisivas dão conta de uma mudança política que trouxe profundas consequências para Portugal e para o estrangeiro” ⁶ Sabe-se da existência de inúmeros registos, sejam de imagem movimento (filmes produzidos pela RTP, canal público de serviço informativo) sejam imagens fixas (fotografias essencialmente da objectiva dos fotógrafos de meios de comunicação social) captadas, difundidas e publicadas nos mais diversos meios de comunicação social. A imagem foi editada e reeditada algumas vezes durante o próprio dia, na emissão contínua e especial que a RTP levou a cabo, quer nas sucessivas edições e edições especiais que os jornais – meio de comunicação com forte importância à data – foram publicando e fizeram chegar ao público, nomeadamente nos dias 25 e 26 de Abril de 1974 .

É inegável a obrigatória associação a figuras e ao acontecimento nacional, com toda a carga do histórico disponível, mas limita-se temporalmente e os aparatos imagéticos a pesquisar são de conhecimento e acesso público, pois só esses interessam ao âmbito desta investigação, obviamente foi necessário elege-los documentalmentemente, como adiante e em capítulo próprio será abordado.

Por este motivo a bibliografia, que se apresenta, revela uma forte componente que versa especificamente o tema da Revolução, numa predisposição de pesquisa que, isenta como a isso se obriga o investigador, permitiu um longo exercício de leitura, visualização de imagens – fixa e movimento – e aceitando toda a contaminação de informação, pró e contra acontecimento, num processo metodológico de investigação.

Obrigatoriamente as questões de *imagem, memória, documentário*, foram valorizadas e a estas o próprio conduziu, numa clara aprendizagem da sua relação com a produção de um dispositivo que, se deseja, representativo do tema em estudo e em que o autor assumia a sua visão da temática, para daí partir para um universo colectivo.

Uma clara constatação de prática de investigação metódica de uma matéria específica, que contrarie a sobre-abundante quantidade de imagem, o seu surgimento de forma aleatório, mas ao invés, trata-la com base na sua relação semântica.

A técnica desenvolvida resulta na produção de dispositivo, narrativa documental apresentando-se o produto sob a forma de documentário, que se pretende assumir como material pedagógico; documentário este que é um instrumento metodológico e sobre ele se

⁵ DACOSTA, Fernando; *O Viúvo - memórias do fim do império*, 2007, Casa dasLetras. ISBN 978-972-1721-3

⁶ FURTADO, Joaquim; VIEIRA, Joaquim; METELLO, Perez – *Portugal 74-75* .[dvd]. Lisboa: RTP, 1980. (1 DVD; 110min; pb)

reflectirá sobre o tema em questão – a imagem documental na construção da memória do 25 de Abril de 1974.

São duas as fases desta dissertação, mas que se complementam e não são dissociáveis, a produção prática e uma componente teórica, essencial ao processo e à construção do aparato, bem como à própria compreensão da mesma.

Permitam-me deixar claro que o conceito que norteia o desenvolvimento desta dissertação, em todo o processo, assenta no pressuposto de que não é um trabalho de produção de conhecimento próprio, mas sim um trabalho de investigação; não relegando nunca todo o ensinamento que advém do mesmo.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

As imagens documentais – fixa e movimento – captadas no espaço temporal supracitado e que foram publicadas, consequentemente públicas, agora objecto de apropriação e descontextualizadas para construção de um dispositivo imagético sob a forma de documentário, serão elemento suficiente capaz de narrar o(s) acontecimento(s) e perante o espectador funcionarem como memória?

1.3 OBJECTIVOS

Identificar qual a imagem(s) documentais e aferir o valor narrativo desta(s) na construção da memória, quando objectivamente a imagem(s) produzida(s) no período do 25Abr74, produz (ou não) imagem actual do acontecimento.

1.4 MOTIVAÇÃO

Em primeiro lugar o interesse pelas imagens no geral e, neste contexto pelas imagens do período em questão, de uma forma muito particular. Pelo fascínio das imagens que constroem a minha memória e ao mesmo tempo por um apelo à necessidade de conhecer, analisar e organizar essas imagens partindo do meu ponto de vista, e em liberdade, construir a minha identidade.

Em «Portugal, hoje: O Medo de Existir», José Gil⁷ diz: “... Talvez por isso os estudos mais sólidos e com maior tradição em Portugal seja os que se referem ao passado histórico, numa vontade de desesperada de inscrever⁸, de registar para dar consistência ao que tende incessantemente a desvanecer-se (e que, de direito, se inscreveu já de toda a maneira – mas onde?)...” - foi assim esta abordagem que originou a presente reflexão, numa motivação forte de participar, na possibilidade do universo que esta dissertação permite, contrariar e assumir esse que “como em tantos outros aspectos, o Portugal de hoje prolonga o antigo regime. A não-inscrição não data de agora, é um velho hábito que vem sobretudo da recusa imposta ao indivíduo de se inscrever” (Gil, 2007. p.17) ; assim, é meu entendimento dizer que o princípio da não-inscrição é que nada acontece, motivo suficiente para me propor a contrariar esta passividade e aproveitando a questão levantada – “mas onde?” – esta dissertação procura na relação da imagem documental e na memória, a resposta. E age.

“O único sentido, que talvez não tenha grande sentido, é defender o meu quadrado. ... Por isso não me rendo... Não propriamente por razões militares ou morais. Digamos por razões estéticas”⁹. (Alegre, 2005. p.74) As últimas são propósito bastante para servirem de motivação a este trabalho em que a disciplina estética estará presente no desenvolvimento.

O *design*, num universo fortemente invadido por imagens e onde estas se atropelam e nos atropelam enquanto espectadores consumistas, pode por intermédio dos seus profissionais e de acordo com pensamento actual de que “deve não continuar a fazer coisas, mas sim a chamar a atenção para as coisas que já lá estão, para o que existe...”¹⁰, contribuir no caso do 25Abr74 para a construção da memória, para que esta não seja esquecida e mais importante para que (ainda) seja possível aprender com ela. É parte do meu contributo.

1.5 ENQUADRAMENTO FBAUP

Penso ser possível enquadrar esta intenção de projecto de investigação, com a Universidade do Porto, nomeadamente a Faculdade de Belas Artes no seu Departamento de Design.

Como foi dado a conhecer, neste Departamento, o projecto designado por “Imagem Narrativa e Documental”, é em minha opinião, aglutinador desta possível dissertação, na medida em que esta minha proposta define com primordial a imagem documental que substancie “a produção de reportório visual que alicercem o emergir de novas formas de pensar o reportório cultural circundante”¹¹.

Recuo ao início do curso para referenciar do programa da disciplina de Projecto “...reconhecer na iconologia uma forma de potenciar as relações de autor com a realidade colectiva a que

⁷ José Gil - Filósofo, Doutorado em Filosofia pela Universidade de Paris (1982), professor na Universidade Nova de Lisboa, tem inúmeras publicações em Portugal e no Brasil, traduzido em Espanha, França, Itália e EUA. Escreve regularmente artigos para revistas nacionais e internacionais.

⁸ In «Portugal, hoje: O Medo de Existir» p. 43, José Gil diz: “O que é a inscrição? ... Inscrever-se significa pois, produzir real. É no real que um acto se inscreve porque abre o real a outro real. Não há inscrição imaginária e a inscrição simbólica (...) não faz mais do que continuar a realidade já construída”

⁹ Manuel Alegre de Melo Duarte, 1936, Opositor ao regime salazarista, preso-político, poeta, escritor, político.

¹⁰ ALVELOS, Heitor. *Aula de Métodos de Investigação* de Curso de Mestrado em Design da Imagem, FBAUP, 20 Abril 2007

¹¹ RANGEL, Adriano; *Disciplina de projecto – conteúdos programáticos*, Curso de Mestrado em Design da Imagem FBAUP, 2007

pertence.” e retirado dos Conteúdos Gerais do mesmo programa: “geografias visuais que observem e reúnam um corpo de memória e reconstrução sobre aspectos da história das sociedades, partindo do local para o universal.”¹²

Na minha opinião é aceitável concordar que esta dissertação se insere, sem dúvidas, no Projecto supracitado.

¹² RANGEL, Adriano; **Disciplina de projecto – conteúdos programáticos**, Curso de Mestrado em Design da Imagem FBAUP, 2007

CAPÍTULO II

2.1 IMAGEM DOCUMENTAL

A nossa relação com as imagens reside no significado que estas estabelecem com o espectador num mecanismo sensorial e no caso concreto na memória, revelando-se transmissoras de mensagem, assumindo um poder próprio, capaz de fazer despertar, em cada um, os mais díspares (ou não) sentimentos de desejo, emoção, nostalgia, repulsa, motivações futuras, pensamento e porque não, conhecimento, entre outros.

“*As pessoas pensam por imagens.*” (Vânia Cosme. FBAUP 2006)¹³ esta afirmação pode ajudar a associar a questão da imagem e do pensamento, se, e reportemo-nos por exemplo, à fotografia, objecto documental por excelência, que o tempo e a tecnologia vêm a fazer sofrer alterações substanciais que objectivamente não cabem no âmbito deste trabalho, a não ser pela facilidade de apropriação e reprodução material dos dispositivos a incorporados no objecto prático. Esta a partir do seu formato estático e bidimensional permite-nos fluir num tempo cronológico e sensorial, quicá sentimental e pensamento onde pela subjectividade de cada indivíduo somos levados a construir uma visão própria das coisas, atribuindo-se-lhe um primordial significado individual.

“Para compreender a essência de uma imagem, a sua substância e ontologia, é necessário observá-la atentamente, uma vez que esta origina a sua manifestação e entra no visível ou na visibilidade” (Daniela Ventura cita Laurent Lavaut in L’image. 2005)

É pois fundamental que as imagens resultantes da pesquisa tivessem sido observadas partindo deste conceito, referenciando-as sempre ao acontecimento em si e num processo de desconstrução, analisa-las de forma a compreender a sua essência, como acima citado, na sua substância, porque se observa o conjunto de propriedades que a identificam e na ontologia porque trata de encontrar a natureza do ser; da sua realidade, da sua existência, para assim ansiar que o seu uso se revele visível.

Por outro lado, e reforçando o citado, é essencial o trabalho de análise de imagem, só assim se poderá obter dela a máxima visibilidade, o processo de olhar e ver, sem receios de castrar algum prazer estético até, o que, “*pode, à posteriori, aumentar a fruição estética e comunicativa das obras, uma vez que agudiza o sentido de observação e o olhar, aumenta os conhecimentos e permite deste modo obter mais informações*” (Joly.1994 P.47).

A questão conhecimento, a florada timidamente mas sem preconceitos, na minha opinião legitima uma função que referirei seguidamente em Documentário, passo a citar: “É por isso que uma das funções primordiais da imagem é a função pedagógica...” (Joly.1994 P.48).

A influência da imagem (fixa e movimento), creio ser de sobremaneira importante referir no contexto da pesquisa imagética do 25Abr74, naquilo que é citado em Imagem e Significação: “*...que se trata de um dos grandes medos que a imagem suscita. O seu poder de persuasão seria tal que ela poderia levar ao pior em cada um de nós, mais eficazmente do que palavra,*

¹³ Vânia Cosme natural de Angola, licenciada em História (variante de Arqueologia) e em Comunicação Social, é jornalista da R.T.P. desde 1988, docente de Dramaturgia da Academia Contemporânea do Espectáculo e membro da Companhia Profissional de Teatro “Teatro do Bolhão”, tem vindo a escrever vários textos para teatro.

mais do que o livro, mais do que o exemplo, mais do que a educação, mais do que o determinismo social, mais do que tudo. É preciso notar antes de mais o que este medo revela da hierarquização implícita dos actos de comunicação: do dizer ao ver, do ver ao fazer. " (Joly. 2000 P.118)

Aqui a questão reside, na minha opinião na particularidade do acto de comunicar: "do dizer ao ver", funciona assim a imagem como documento, registo de passado, componente visual da narrativa.

Mas o que nos diz uma fotografia? *"A Fotografia não diz (forçosamente) aquilo que já não é, mas apenas e de certeza aquilo que foi. Esta subtilidade é decisiva"* (Barthes.1980. p.120) - de facto esta expressão citada é a resposta objectiva ao que questiono, e aplica-se, concretamente às imagens (que não apenas fotografias) usadas no documentário construído.

"E qual o tempo e o espaço desse mundo, e dessas imagens? São imagens de um perto que está longe, e de um próximo afastado no tempo." (Gil, 2007. p.11) é a afirmação do filósofo que contextualizo como parte da análise imagética do 25Abr74, focalizando num espaço temporal definido. É sob estas palavras que me permito estabelecer aqui uma diferenciação de *spectador*, ou seja, se para uns de facto é de tempo longe ou até desconhecido (chamar-lhe-ei uma não memória), para outros uma memória viva, logo próxima, mas afastada no tempo real.

"A fotografia documental constituiu um novo instrumento na descoberta do mundo...depois, este instrumento torna-se informação visual e contribui para o conhecimento e, também, para a compreensão dos acontecimentos..." (Bauret,1992. p.23), é assim abordado o tema de fotografia documental, dispositivo esse que tem como objectivo primeiro testemunhar algo, registar um acontecimento e depois, numa fase posterior, permitir recordar, assinalar a existência de uma realidade passada, vivida e por meio desse registo revivida ou imaginada, quando não vivenciada. O seu valor documental pode ser inflacionado se lhe acrescentarmos a particularidade de unicidade, ou seja o ser única.

No texto *L'Image* de Laurent Lavaut por Daniela Ventura tece o comentário de análise de imagem que me parece, importante transcrever: " imagem: mental, do mundo, percepção, imaginário", diz:" a imagem mental é um produto da espontaneidade do sujeito, tendo a capacidade de prender aquilo que é objectivo, permitir que o sujeito se abstraia concretamente daquilo que esta a ver. Através do acto perceptivo, através da imagem, um duplo mimético, um modelo, um objecto." Mas destaco a ideia sobre a *imagem do mundo* "é fundamentada no próprio fenómeno ou objecto que existe em si, no mundo que o rodeia e que é representado por imagens" (Daniela Ventura cita Laurent Lavaut in *L'image*. 2005) e neste aspecto, penso eu, o universo imagético documental é manancial de informação disponível capaz de o alimentar, concretamente na presente pesquisa.

E, *"uma fotografia está sempre na origem deste gesto; ela diz: isto é, é assim!"* (Barthes.1980. p.17), foi com base nesta afirmação que entendi todas as fotos resultantes desta investigação e assim a fotografia chama a si um papel importante, ela legitima o acontecimento, conhecedor que *"ela pode mentir sobre o sentido da coisa, sendo por natureza tendenciosa, mas nunca sobre a sua existência"* (Barthes.1980. p.122) o que vem, em teoria, reforçar o que verifiquei na prática.

Por outro lado, pela citação: *"De facto nunca é demais insistir em lembrar que as imagens não são as coisas o que elas representam, mas que se servem delas para falar de outra coisa"*

(Joly.1994 p. 86), neste momento, regista-se que o termo imagem, ultrapassa - neste trabalho - a fotografia para se entender, imagem fixa e/ou imagem movimento, afigura-se pois mais forte ainda, o pressuposto de que a imagem, qualquer que seja, é aquela que conseguimos observar e que não é “a coisa” em si, mas tão somente uma representação.

“A imagem não é nem um objecto que existe fora de nós ou longe do mundo, nem um estado mais ou menos transitório da nossa subjectividade. Ela não pode existir sem nós e é por ela que o mundo advém. Ela é manifestação face a nós, do livre jogo das desapareições recíprocas entre o mundo e nós. .../ A imagem constitui-se na pulsação do real que nos captura e da vida que nos liberta”¹⁴

No presente contexto creio que faz sentido esta transcrição, na medida em que a imagem é algo de concreto e representação do acontecimento, é pois o termo que encontro para clarificar o valor de imagem e a relação (efectiva) desta com o mundo, com as pessoas, com os acontecimentos.

A imagem enquanto documento visual, fonte de conhecimento, portador de memória(s) contribuiu efectivamente como elemento desta narrativa na construção da memória, na materialização da história, por isso útil ao investigador, ao designer e num sentido lato ao universo daqueles que, por interesse, possam explorar.

2.2 MEMÓRIA

A história não pode existir sem memória, e os seus executantes trabalham com dados que a esta se vinculam, seja nos documentos escritos, visuais, sonoros, seja, em espaços temporais relativamente recentes no contacto directo com intervenientes, testemunhas, pessoas que viveram as situações.

No contexto do 25Abr74 é obrigatório abordar o ponto «memória» de forma evidente, uma vez que, os 34 anos que medeiam entre o acontecimento e hoje, permitem que se designe por memória o estado de reflexão que sugiro.

O conceito de memória, o seu funcionamento, os comportamentos a ela associados, são tema de estudo de cientistas, filósofos e outros pensadores desde há séculos. As explicações sobre ela são várias e sofrem as alterações que a evolução do conhecimento determina nas distintas sociedades.

Para se abordar este assunto devo contextualizar: *“A memória é uma das funções mais importantes do ser humano, desempenhando um papel determinante com o meio externo, na socialização, na construção da personalidade e do comportamento e no desempenho em geral. .../ Não sobreviveríamos sem memória, nem a nível individual nem como espécie, pois não saberíamos sequer onde procurar alimento e abrigo, como evitar os perigos ou como transmitir conhecimentos. .../ O funcionamento silencioso da memória...faz com que seja por vezes difícil*

¹⁴ CORDEIRO, Edmundo- Virtual: realidade da imagem, ou o que nos impede de ver – Op. Cit. MONDAZIN, Marie-José, L'image naturelle, Le Nouveau Commerce, Paris 1995, p.19-20

*perceber que existe um substrato anatómico que a sustenta e que todas as nossas recordações e saberes cabem num local tão restrito como o cérebro humano*¹⁵

Entrevista a José Luís Pacheco (escritor 1925-2008)

Entrevistador: “Não te sentes sozinho?”

Entrevistado: “Não. Tenho uma memória muito razoável. Já não posso ler, já não posso escrever, de modo que repiso tudo o que vivi. Depois há malta que vem cá e me conta umas coisas de que eu já não me lembrava.”¹⁶

Dos diferentes tipos de memória individual enunciados na bibliografia consultada, parece-me interessante anotar porque, na minha opinião, pode relacionar-se com esta investigação, sobre os seguintes conceitos: “a memória a longo prazo declarativa (explícita) pode ser episódica ou semântica”¹⁷, assim, esta caracteriza-se por “permitir a integração e articulação das novas memórias com as memórias antigas. .../ A memória episódica é uma memória de acontecimentos pessoais, ... numa situação normal é a memória episódica que permite recordar um acontecimento de vida ou uma notícia lida num jornal naquela altura. .../ a memória semântica é o conjunto de conhecimentos independentes do contexto espaço-tempo, funcionando como uma enciclopédia que contém conhecimentos adquiridos ao longo da vida acerca do mundo...”¹⁸

Maurice Halbwachs¹⁹ forma uma distinção clara na sucessão de acontecimentos individuais, que resulta das relações que cada indivíduo estabelece socialmente, nos grupos em que se insere e das próprias relações que se criam nos grupos referidos, assim, classifica como, e cito: “*Memória histórica: supõe uma reconstrução dos dados proporcionados pelo presente da vida social projectado sobre o passado reinventado.*

. Memória colectiva: compõe de forma mágica o passado, cujas recordações remetem para a experiência que uma comunidade ou grupo pode deixar a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos.

.Memória individual: esta enfrenta a memória colectiva, é uma condição necessária e suficiente para chamar o reconhecimento das recordações. A nossa memória precisa de outras....”

(Marco P.M. Morais, in A Memória do objecto. 2007 op. Cit. Maurice Halbwachs 1968. La mémoire collective. Paris: PUF.)

Assim interpretando Halbwachs, posso dizer que a memória individual, faz-se da diversidade das memórias dos grupos com que esse mesmo indivíduo estabelece relações, justificado na afirmação: “*É na sociedade que as pessoas adquirem normalmente memórias. E é também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias*” (Halbwachs.1992 [1925] p.38)

Há contudo outros autores, como Maria Inês Mudrovcic²⁰ que diz: “*...a memória colectiva funciona como um necessário complemento da memória individual. De facto, ela não consiste num conjunto de factos do passado socialmente reconhecidos, nem existe «por si», como*

¹⁵ NUNES, Belina [et al.] – Memória – Funcionamento, Perturbações, Treino. Lisboa : Lidel, edições técnicas, Maio 2008. p.3

¹⁶ GEORGE, João Pedro – **O crocodilo que voa** – entrevistas a José Luís Pacheco. 1ª edição. Lisboa: Tinta da China Edições. Fevereiro 2008. ISBN 978-972-8955-48-9

¹⁷ NUNES, Belina [et al.] – Memória – Funcionamento, Perturbações, Treino. Lisboa : Lidel, edições técnicas, Maio 2008. p.10

¹⁸ NUNES, Belina [et al.] – Memória – Funcionamento, Perturbações, Treino. Lisboa : Lidel, edições técnicas, Maio 2008. p.12-13

¹⁹ Maurice Halbwachs (Reims, 11 de março de 1877 — Buchenwald, 16 de maio de 1945) foi um sociólogo francês da escola durkheimiana. Escreveu uma tese sobre o nível de vida dos operários, e sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva, que ele criou.

²⁰ MUDROVCIC, Maria Inês. Alguns consideraciones epistemológicas para una “Historia Del Presente”. In: Hispania Nova: Revista de História Contemporânea. Capturado no endereço eletrônico <http://hispanianova.rediris.es> em 13/4/2000.

defendem aqueles que nela buscam por vezes a «essência» de um povo ou destino, mas antes, e acima de tudo «um código semântico que opera como contexto no processo de recuperação das recordações individuais» (Maria Inês Mudrovcic op cit Rui Bebiano – Que fazer com tanto passado?)

Por seu lado, Michael Pollak²¹ desenvolve trabalho sobre estudo de Maurice Halbwachs e dos conceitos deste sobre memória, concretamente nesse caso sobre memória colectiva – conceito do qual já o referi, é percussor – reforça a dimensão de grupo ao dizer: “...a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória colectiva” (Michael Pollack in Memória, Esquecimento, Silêncio – op. Cit. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n 3, 1989)

A associar este pensamento, por exemplo à situação portuguesa e ao celebre concurso da televisão RTP sobre “Os Grandes Portugueses” podemos correr o risco de dizer que a personalidade que mais vive na memória dos portugueses, ou daquele grupo significativo de portugueses é António de Oliveira Salazar.

E relativamente a António de Oliveira Salazar, numa entrevista José Gil questionado sobre quem «inscreveu» o nome na História? Responde: “*António de Oliveira Salazar. Foi um dos homens que mais moldou a sociedade portuguesa do século XX. Inscreveu negativamente, mas inscreveu. Marcou. E a prova é que nos lembramos dele. O ideal seria a transformação sem nos lembrarmos.*” (Gil. 2005. p.200-201)

Face a um dos seis aspectos que Halbwachs enfatizou a memória individual afirmando que esta “se rege por normas sociais”, a que é indicada em quinto lugar: “*a memória é social pelas suas funções. É a partir das necessidades actuais do grupo que os seus membros apelam a certos eventos do passado.*”²²; pessoalmente distancio-me da questão que colocarei, mas levanto-a concretamente: o porquê de actualmente se falar tanto na revolução de 25 de Abril, nos princípios de Abril, nas conquistas de Abril, como se de repente a memória emergisse por forças inexplicáveis...

É inquietante esta questão quando, fruto da investigação se encontra com fundamento histórico a síntese de 13 (treze) características nos acontecimentos revoltosos que marcaram Portugal: a revolução liberal de Agosto de 1820, o movimento da Regeneração de 1851, o 28 de Maio de 1926 e o 25 de Abril de 1974 – a característica é apresentada como “... 12ª. *Estes movimentos são, em regra, precedidos de uma crise ou abalo económico que vem do exterior, significativa, embora não seja a causa principal...*” (Tello. 2007. p.38)

“Mas as memórias não reflectem os acontecimentos reais em si próprios, como bem sabemos todos; as nossas recordações já sofreram modificações, das vezes que nos surgiram na consciência” (Nunes. Maio 2008. p143) este facto é designado por *memória falsa*, esta situação pode resultar de uma má interpretação de uma situação, de não compreensão de determinado acontecimento, por exemplo.

Cabe referir a abordagem de memória popular que os teóricos, ainda que não aprofundando, caracterizem de “muito complexa”, passo a citar: “*Estudos sobre a memória social têm vindo, precisamente, a conceptualizar a possibilidade de confrontação das versões do passado emanadas pela ideologia dominante por parte de certos grupos e segmentos sociais que não*

²¹ Michael Pollak é pesquisador do Centro Nacional de Pesquisas Científicas. Há muitos anos, dedica-se à análise da identidade social em situação extrema. É o autor de Vienne 1900, une identité blessée (Ed. Gallimard).

²² Memória colectiva: (des)continuidade do passado e presente – http://memoriacolectiva.blogs.sapo.pt/2004_04.html

aderem às representações oficiais do passado. Pelo facto de se concentrar na resistência popular à ideologia dominante, esta perspectiva de estudo da memória foi designada de “abordagem da memória popular” (Mistzal, 2003 op cit Elsa Peralta. UTL)

A memória é afinal produto do indivíduo no seu relacionamento com o mundo circundante, nessas relações interpessoais em que cada qual vive e que mais não é, do que construção de memórias. Pode entender-se que é o resultado do passado de uma pessoa com o cruzamento do passado dos seus semelhantes e que, na diversidade actual, um indivíduo constrói a sua memória de forma dinâmica, activa e porque não com capacidade de seleccionar a sua identidade tão livre quanto deseje. Uma referência: *“A pós-modernidade veio evidenciar que os indivíduos podem pertencer a uma multiplicidade de grupos e de identidades, e que, portanto, as suas memórias são construídas de forma dinâmica, conflitual, selectiva e dialógica, não se limitando à modelação por um grupo exclusivo”* (Peralta. UTL)

A memória colectiva será afinal, de forma simplificada, um universo de factos que constam da memória individual de cada elemento desse colectivo (grupo, povo). Mas nem toda a memória, é obviamente colectiva, *“senão bastaria uma testemunha para uma cultura inteira”*²³. Caracteriza-se também por não ser unicamente reposição do passado, o presente é espaço onde se faz a procura dessa memória. *“A memória é viva, dinâmica, distinta do arquivo, porque responde necessariamente às demandas do nosso aqui e agora”*²⁴
“Segundo Halbwachs, toda a recordação é uma construção, ou um processo de reconstrução imaginativa, por intermédio do qual integramos imagens específicas, necessariamente formuladas no presente, em contextos que identificamos como passado.” (Rui Bebianos s/data)
E desse passado, por definição de memória a actividade de pensar e seleccionar, numa escolha do que se evidencia mais relevante, numa intenção de preservar e poder revisitar, recordar é assim um acto pessoal.

A relevância prática destes conceitos de memória (que distingue o que seja memória para uns, o que seja informação desconhecida para outros, mas anseia produzir memória posterior e constituir-se ainda como memória futura) toma forma na construção do próprio documentário, que pretende, como se verificará no Capítulo de Metodologia, ser linear e explicativo, conjugar imagem e imagem/legenda, comunicar de forma clara utilizando todos os seus atributos imagéticos, o máximo de rigor projectual no cumprimento de uma função em tudo legítima num processo de design da imagem.

²³ <http://www.apagina.pt/arquivo/artigo.asp?!ID=714>

²⁴ <http://www.apagina.pt/arquivo/artigo.asp?!ID=714>

2.3 DOCUMENTÁRIO

“A verdade não é possivelmente o fim, é possivelmente o caminho” ²⁵

Chris Marker

Documentário, na sua mais simples definição: “... usado geralmente para designar um filme com carácter de documento”. (Penafria. 1999. p.17), faz sentido referenciar ainda que seja do conhecimento geral, contrariando as não raras vezes em que é descrito de forma complexa e pouco objectiva.

Entendo, no entanto que se existe autor, existe responsabilidade, massa critica e criatividade, logo, uma parte de subjectividade da visão do tema, a que acresce, porque se tratam de imagens, essa vertente de representação parcial e subjectiva da realidade em si, face ao objecto de interpretação.

“Uma das coisas que individualizam o cinema face a qualquer outra forma de expressão é que ele é visceralmente documental, quanto ao tempo, ao espaço e aos lugares” (Penafria op. Cit. Hal Hartley in Expresso/Revista, 27.02.1993 p.46), partindo desta citação permito-me em primeiro referenciar que o documentário está ligado ao universo fílmico, e pese na especificidade desta produção visual – documentário intitulado *«já não se fazem revoluções assim»* - na justa medida da sua dimensão não anseia ser mais do que é, nem tomar qualquer protagonismo nem pretensão a mais do que a sua humilde contribuição, contudo, essa relação ao filme é obrigatória, até por necessidade de análise teórica.

Desde logo a diferença entre fílmico e cinematográfico, que João Mário Grilo explica citando Cohen-Séat²⁶ : “Sob o aspecto estritamente formal o facto fílmico consiste na expressão da vida – da vida do mundo e do espírito -, da imaginação ou dos seres e das coisas, por meio de um sistema de combinação de imagens (visuais e sonoras). Por outro lado, a especificidade do facto cinematográfico consistiria na circulação, em grupos humanos, de um fundo de documentos, de sensações, de ideias, de sentimentos, materiais oferecidos pela vida e trabalhados por cada filme à sua maneira.” (Grilo. 2006 p.178), assim eu penso que essa “expressão da vida” tida no concreto como o acontecimento objecto de estudo – 25Abr74 – “por meio de um sistema combinação de imagens (visuais e sonoras)” – permite validar como representativo de um facto fílmico, o documentário *«já não se fazem revoluções assim»*.

Outro autor, João Mário Grilo²⁷ caracteriza o universo fílmico partindo do pensamento de que *“tudo no universo é regulado por nós...o universo organizado por uma estrutura euscópica, baseado numa relação, em principio harmoniosa, entre o universo fílmico propriamente dito e o universo fenomenológico. .../ Tudo nele é estruturado em função do nosso ponto de vista, ...”* (Grilo. 2006 p.173) e numa segunda característica escreve: *“...temos o ritmo. O ritmo do universo fílmico é, essencialmente, um ritmo calculado em relação à nossa afectividade; da mesma forma que a sua duração é calculada em função da relação entre dois vectores: o vector da sensibilidade e o vector das nossas próprias estruturas de percepção.”* (Grilo. 2006

²⁵ Chris Marker op. cit ANTÓNIO, Lauro - A memória das Sombras - crónica *A lição de Documentarismo*. Lisboa: Edit. Campo das Letras, 1988.

²⁶ Gilbert Cohen-Séat (1907, Argélia) foi um jornalista, empreendedor, cineasta, político e académico francês.

²⁷ João Mário Grilo, Licenciado em Sociologia pelo ISCTE, Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa onde é professor agregado de Filmologia e Realização Cinematográfica. Publicou vários livros sobre o cinema.

p.173) – aparentemente estas noções podem surgir sobrevalorizadas face ao meu documentário, mas creio que no essencial e se atendermos à reflexão em si, na modéstia do projecto, pode perceber-se que a abordagem não é tão díspare quanto possa parecer do executado.

Parece-me importante transcrever para complementar, o que o mesmo autor indica, sobre o modelo dos níveis de relação semântica – é com base na relação semântica que a opção de escolha de imagens resultou nas que compõe o documentário *«já não se fazem revoluções assim»* - dizia, o autor esclarece que *“ao nível de uma semântica formal, que encontrou nos últimos anos, através da lógica, importantes linhas de desenvolvimento. Poderíamos neste caso falar de sobreposição de, pelo menos, quatro mundo diferentes: o mundo real, o mundo mental, o mundo material e o mundo actual.”* (Grilo. 2006 p.175).

Teorizando sobre «género», Manuela Penafria cita João Mário Grilo: *“O género não deve ser encarado como (im)pura expressão do formato, mas, pelo contrário, como território de constante experimentação da forma”*, ao que a autora diz: *“Entendo que somente e apenas neste sentido se pode considerar o documentário um género”* (Penafria. 1999. p.33), a opção do meu trabalho prático é sintomático deste pensamento, tanto mais reforçado por *“colocar o género como lugar por excelência de manifestações de conteúdos e formas diversos, cujo único limite é a liberdade de produção ou criatividade do documentarista”* (Penafria. 1999. p.55),

Agora, passo a referenciar ao presente trabalho a transcrição supracitada, e claramente o universo temporal, que na própria proposta de dissertação e aqui na introdução é balizado, torna muito preciso o atributo tempo²⁸ – *dias 24, 25 e 26 de Abril de 74* – espaço²⁹ – *período final da ditadura e golpe de estado de 25Abr74* - e lugares³⁰ - *Portugal, cidades de Lisboa e Porto*; esta informação precisa, dota parte da especificidade do cariz documental pretendido e revelado no aparato.

A designação «documentário» verifica-se válida para classificar este trabalho, pois nele é patente o uso do documental (imagem documental) - e o não recurso à ficção, como de resto poderá ser observado no ponto «a fita do tempo» do capítulo Metodologia, pelas referências bibliográficas quanto à *fonte* de elementos imagéticos; este conceito é justificado na citação *“um filme independentemente da sua duração, é não ficção quando nega o que é a ficção, ou seja quando é o seu contrário”* (Penafria. 1999. p.21), para logo acrescentar de forma explicativa *“Os documentários são filmes de não-ficção, mas nem todos os filmes de não-ficção são documentários, ou seja, a utilização do termo não-ficção deve servir, não para designar o documentário, mas para o incluir num conceito lato e flexível que reconhece diferentes formas de fazer filmes”* (Penafria. 1999. p.21), aliás, segundo esta autora, existe uma possibilidade de inclusão de ficção no documentário: *“Utilizar elementos de ficção em documentários tem a particularidade de contribuir para a constante mutação, renovação e obrigatoriedade de repensar ou actualizar bases em que o género de documentário assenta. Penso que, sobre essa questão, há um enriquecimento, se não para ambas as partes, pelo menos para a prática fílmica no seu todo”* (Penafria. 1999. p.29) – e aqui, devo referir que no objecto prático - *«já não se fazem revoluções assim»* - ocorre apenas uma vez a presença de elemento ficcionado [ao tempo 26:21:02 / 26:42:11; som; Voz off de Otelio Saraiva de

²⁸ Por definição: “duração limitada, por oposição à ideia de eternidade;”

²⁹ Por definição: “porção de tempo entre dois limites, prazo;”

³⁰ Por definição: “espaço ocupado; localidade; terra; povoado; ponto de observação; sítio, local;”

Carvalho, excerto do documentário A noite do Golpe de Estado.] situação que penso, justificada e enquadrada filmicamente para funcionar como reforço do documento, que embora ficcionado neste pormenor, e quando digo ficcionado refiro-o porque foi constituído na fonte, objecto de um documentário, que resulta de uma representação fora do tempo real dos acontecimentos, mas que reproduz com rigor histórico a situação.

Classificam-se “usualmente como documentário científico, etnográfico, histórico”, estas são, entre outras, catalogações consensuais. Não sei se será demasiado presunçoso rever este trabalho «já não se fazem revoluções assim» em alguma destas classificações, mas a optar, o mais empírico possível, será pela designação documentário histórico.

Segundo Manuela Penafria³¹ não existe uma definição unânime, mas arrisca dizer “o documentário tem cumprido uma função de «documentar» a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo de modos diversos” (Penafria. 1999, p.15).

As formas de classificação de documentário são várias e das suas diferentes características há uma premissa comum: como apresentar o conteúdo informativo relativo a um tema em concreto, que se deseja explorar? Na tentativa de resposta a uma questão de conteúdo similar, Manuela Penafria classifica os documentários sob o aspecto da intervenção do documentarista porque diz “ele é o garante da própria identidade do documentário” (Penafria. 1999, p.55) assim enuncia: “Documentário de exposição; de observação; interactivo e reflexivo” destas classificações vou a abordar a primeira por reconhecer em alguns dos seus pontos, segundo a autora, características em que o meu documentário se revê e que irei relacionar no Capítulo de Metodologia.

Cito: “Documentário de exposição – A característica essencial deste tipo de filme é a utilização de um texto apresentado através da voz off de um narrador. Este apesar de estar ausente da imagem, torna-se presente pela sua voz onnipotente. ... O documentário não se limita apenas à voz humana; pode também tornar-se presente através de títulos e legendas. ...

Foi com Grieson que esta forma foi implantada e largamente praticada. Por entender que os filmes deviam desempenhar uma função de educação pública, a sua escola empenhou-se na sua produção.

O fluxo linear e cronológico do filme de exposição desenvolve-se tendo em conta uma das seguintes dicotomias: causa/efeito, premissa/conclusão, problema/solução. A montagem do filme de exposição tem como objectivo manter a continuidade da argumentação e a não continuidade temporal e espacial dos acontecimentos.” (Penafria. 1999, p.60-61)

É objectivo do documentarista “dar-nos a ver o nosso mundo, ou aliás, revelar-nos o nosso próprio mundo. Isso não significa que nos mostre o óbvio. Pelo contrário, tem de, a partir da ênfase que coloca nas pessoas e nos acontecimentos diante de si, permitir-nos aceder a um determinado ponto de vista em relação ao tema em causa.” – segundo o mesmo autor (Penafria. 1999, p.24),

Bill Nichols (1991) diz “o documentário não é a representação de uma realidade imaginária mas a representação imaginativa do «mundo histórico»; no ecrã podemos encontrar, ou uma história e o seu mundo imaginário, ou um argumento sobre o mundo histórico. Uma história sobre um mundo imaginário é não mais do que uma história. Uma história sobre o mundo real é um argumento. O mundo não é reproduzido mas sim representado, e a representação é essencialmente visual”. (Nichols, 1991, p.125op cit Manuela Penafria. 1999)

³¹ Manuela Penafria - Doutorada em Ciências da Comunicação/área Cinema, Universidade da Beira Interior, 2006. Professora na UBI/Dept. de Comunicação e Artes, curso de Licenciatura em Cinema. Investigadora do Labcom.

O objectivo do documentarista que Manuela Penafria indica parece-me conseguido no documentário «já não se fazem revoluções assim» em que a representação daqueles acontecimentos imagéticos (visual e sonoro) permite tornar possível, “*dar a conhecer o mundo*” e a narrativa construir assim memória.

É curioso verificar que até para documentário há lei, a Portaria nº496/96, no ponto 2 do artigo 1º diz: “Consideram-se documentários de criação os filmes, seja qual for o seu suporte e duração, que contenham uma análise original de qualquer aspecto da realidade e não possuam carácter predominantemente noticioso, didáctico ou publicitário nem se destinem a servir de simples complemento a um trabalho em que a imagem não constitua elemento essencial”.

É interessante ler José Manuel Costa que distingue, documentário de ficção: “*pertencendo quase sempre ao grupo maioritário das fontes narrativas ... e que, abordando um qualquer ente real o faz com alguma profundidade e empatia, ultrapassando o noticioso, o descritivo ou explicativo*” (Costa, 1989, p.97)

Por seu lado, José de Matos-Cruz, diz: “*Em qualquer criação artística, tudo se inspira na realidade e tudo apela ao imaginário! Aliás o real – qualquer real – começa necessariamente pelo imaginal. A imaginação não é fantasia: é a capacidade de criar imagens de pensamento (formas mentais) Ou seja, a verdadeira imaginação é a imaginação-em-acção – imagem capaz de se materializar em coisa.*” (Matos-Cruz. 2000. p.24)

Para reforço do conceito de realismo, permitam-me referir Rossellini³², que paradigmaticamente diz que “O trabalho do realismo será o de levar à luz as coisas, revelando-as na sua dispersão e autenticidade” (Rosselli citado por Grilo. 2006 p.154). Mas a abordagem à realidade, é citado por António Damásio: “Nunca saberemos quão fiel é o nosso conhecimento relativamente à realidade «absoluta». Aquilo de que precisamos é, creio que a temos, de uma notável consistência em termos de construções da realidade que os cérebros de cada um de nós efectuem e partilham.” (António Damásio citado em Manuela Penafria in O Documentarismo no Cinema).

É oportuno referir sobre a função social do documentário, e essa função é objectivamente *documentar*, tornar visível ou tornar visível de outra forma, promover documento; no caso as imagens da realidade ou a representação daquela realidade, nesse processo de apropriação, análise e montagem de imagens, encarnando o autor o pseudo-papel de realizador, para “*dar a ver imagens*” isso, sugere o trabalho de Dziga Vertov³³, a câmara de filmar como extensão do seu olho, “*em conjunto com o processo de montagem e o próprio editor são uma nova entidade que dá pelo nome de «cinema-olho»*”³⁴. *Este cinema assenta na ideia de que, comparado com o olho humano a câmara é-lhe largamente superior. O olho mecânico mostra-nos a «verdadeira realidade», completa e aperfeiçoa o olho humano. O aparato cinematográfico mostra-nos a nossa presença no mundo. Ao mesmo tempo, transcende-a pois mostra-nos o que sem ele nunca poderíamos ver*” (Manuela Penafria in O documentarismo do Cinema), esta abordagem

³² Roberto Rossellini (Roma, 8 de maio de 1906 — Roma, 3 de junho de 1977) foi um diretor de cinema italiano. Rossellini foi um dos mais importantes cineastas do neo-realismo italiano, com contribuições ao movimento, com filmes como Roma, Cidade Aberta.

³³ Dziga Vertov, nascido Denis Abramovich Kaufman, (Rússia, 2 de janeiro de 1896 — 12 de fevereiro de 1954), cineasta, documentarista e jornalista, é o grande precursor do cinema directo, na sua versão de cinema verdade. Fez parte do movimento construtivista, escrevendo inúmeros artigos sobre a teoria do filme. O seu filme O Homem da Câmera é um marco na história do cinema, como documentário reflexivo (Bill Nichols).

³⁴ “Termo traduzido da combinação soviética e inglesa Kino-eye. Em 1919 Vertov funda o movimento Kinoglaz, Kino-cinema, gla-olhar, ou seja, “Cine-olhar” (Manuela Penafria in O Documentarismo e o Cinema)

obrigatória a Dziga Vertov se é importante nos temas relativos ao documentário no seu geral, é neste contexto de investigação sobre a imagem documental do 25Abr74, imensamente relevante, assim, sem estabelecer comparação de produção, mas na base do que são as influências teóricas e práticas de visualização concreta dos trabalhos deste autor – mais uma vez se constata que a obra é que legitima o conceito de autor – dizia, estabeleço aqui ligações ao documentário «já não se fazem revoluções assim» por exemplo “mostra-nos a verdadeira realidade” – na medida em que pelo registo das câmaras de filmar e fotográficas que captaram as imagens da revolução 25Abr74, podemos hoje, observar a representação daquela realidade, e perceber o que isso pode contribuir para construção de memória. No início da citação, “o olho mecânico mostra «a verdadeira realidade” – o texto precisa recuar ao capítulos de Imagem, para reescrever “*uma fotografia está sempre na origem deste gesto; ela diz: isto é, é assim!*” (Barthes.1980. p.17) – e agora tudo parece mais justificado, mais coerente, aquelas imagens são...!

Contudo, há no trabalho de Dziga Vertov e no seu documentarismo reflexivo, “o conceito assenta no seguinte esquema – “Produto – processo – produtor” (Penafria. 1999, p.69), neste aspecto e pelo que ele impõe distancia-se do documentário agora produzido, pois este não assume qualquer carácter, como prova a sua visualização, de se encontrarem elementos tais como revelar o processo de produção fílmica, a presença visível de qualquer realizador, pontos contrário a manifestações reflexivas, mesmo que, e acontece de os «reflexivos» saltarem fases dos projectos e apresentarem unicamente o produto.

Esta referência a Dziga Vertov é indispensável tanto quanto o mesmo, entre outros autores são essenciais ao conhecimento na generalidade deste tema.

3.4 RELEVÂNCIA DA TEORIA NO TRABALHO PRÁTICO

Creio pois, que as abordagens supracitadas servem para justificação do aparato imagético que apresento e é esta fundamentação teórica que, na minha opinião, é essencial ao suporte de trabalho prático, não só pela necessidade de o justificar, mas e primordialmente, porque estes conceitos foram (são) fundamentais neste desenvolvimento projectual de *design* da imagem. Contexto prático onde o teórico é elemento marcante deste processo de investigação, conferindo-lhe, se existirem dúvidas, uma aproximação por identificação e não por comparação, ao conceito dos autores citados.

Concretamente a questão de memória, é de particular interesse, na medida em que, pela teoria, podemos perceber o que é memória, o que são memória individual e colectiva e perceber dessa relação com o ponto anterior, imagem documental.

E a imagem documental, permitiu claramente alicerçar a sua definição, perceber onde existe ou não existe, segundo aquela(s) teoria(s), o conceito desta. E como esta, pela sua relação semântica emerge na própria investigação em resposta prática de selecção para se expressar no documentário.

O Documentário, assenta em conceitos plenamente consensuais do que este pode ser, do papel que lhe é reservado no âmbito do fílmico e a teoria acima expressa, valida esta premissa.

CAPÍTULO III

OBJECTO PRÁTICO

Intitula-se, «**Já não se fazem revoluções assim³⁵ - A imagem documental na construção da memória do 25 de Abril de 1974**» o dispositivo imagético, instrumento metodológico de reflexão sobre o tema, que se apresenta sob a forma de documentário.

A narrativa documental, deseja constituir-se como objecto pedagógico de função social, que não é somente representação mas também é explicação do acontecimento, capaz de reverter na memória de uns e na construção da memória de outros.

Em formato final DVD tem a duração de 27 minutos (imagem e áudio), a edição de imagem fixa realizou-se com recurso ao programa Adobe Photoshop, imagem movimento editada em DVD Decrypter e Xilisoft Vídeo Converter, o áudio foi editado em Xilisoft Vídeo Converter; na fase de “montagem” o programa que possibilitou a composição foi o Adobe Prémiere 2 Pro.

3.1 METODOLOGIA

O processo de pesquisa desenvolveu-se no decorrer do último ano lectivo, sendo que a proposta de dissertação vinha a ganhar consistência desde o segundo semestre (primeiro ano de curso), de referir que na disciplina de Projecto, o tema base do trabalho prático havia sido o 25 de Abril de 1974 em Viana do Castelo. Desde que esse projecto se iniciou, a pesquisa sistemática afirmou e revelou-se efectiva.

Desde logo a bibliografia foi uma constante presença, livros, jornais e dvd's foram de forma assaz procurados, adquiridos, emprestado, consultados para depois serem lidos, vistos, digitalizados e editados. Sinto necessidade de esclarecer que foi realizado um forte investimento neste modelo de investigação, assim os livros e jornais que constam da bibliografia foram efectivamente usados bem como os dvd's que foram vistos, editados.

O processo revelou-se mais moroso do que o previsto, a leitura e visualização dos filmes, onde a poética da linguagem, fascinava e a contemplação de imagens, contribuiu decisivamente para a investigação.

³⁵ O título surge de uma afirmação proferida por um dos entrevistados, na produção de um documentário realizado no âmbito da disciplina de Projecto do curso de Mestrado em Design da Imagem da FABUP, sobre a mesma temática. O entrevistado em causa foi preso político, deputado, governador civil e tem sobre a Revolução uma opinião muito própria.

A título de exemplo foram visualizadas 43 (quarenta e três) horas de filmes e digitalizadas 323 (trezentos e vinte e três) fotografias.

A opção de utilizar as fontes bibliográficas para obtenção de imagens, tem exactamente a ver com a premissa de serem fontes de acesso público sem que para isso fosse necessário recorrer a instituições, organismos e associações, ou seja, é a informação publicada e de acesso comum, disponível em particulares, bibliotecas e livrarias.

Não se prescindiu de pesquisar as instituições, organismos e associações que a outro nível podem ser fonte de informação, mas não se efectuou qualquer consulta imagética, por opção metodológica.

Fica registo de ter comunicado com a RTP – Rádio Televisão Portuguesa, com o Centro Português de Fotografia – Porto, com a Associação 25 de Abril e Cinemateca Portuguesa.

As imagens, objecto de trabalho, foram acedidas assim nas fontes bibliográficas, para a sua apropriação, optou-se por três acções diferentes, a saber:

- . Imagem fixa* – digitalização de todas as fotografias, anotação de referências como origem, página, legenda, autor.
- . Imagem movimento – cópia do original, decrypt dos ficheiros *.vob, conversão para extensão compatível. Anotação de cenas e tempos.
- . Áudio – cópia do original, conversão para extensão compatível. Anotação de tempos.

* *Direitos de Autor*. Verifica-se que em publicações anteriores a 2004, acontece, não raras vezes a inexistência de referências ao autor da fotografias, apenas com a publicação da Lei 50/2004 de 24 de Agosto, (DR 199 Série I-A) Publicada a 24 de Agosto, transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa à harmonização de certos aspectos do direito de autor e dos direitos conexos na Sociedade de Informação (quinta alteração ao Código do Direito de Autor e dos direitos conexos e primeira alteração à Lei nº 62/98, de 1 de Setembro), o respeito pela autoria veio, por força da lei, ser obrigatório.

A execução do documentário desenvolveu-se com base em registo precisos sobre os acontecimentos, à análise de todas as imagens, ao desenho de storyboard e posteriormente à montagem com recurso à tecnologia disponível.

Foram referenciados todos os elementos e cruzada informação de cinco livros, cinco documentários, três jornais dos dias 25 e 26 de Abril de 1974 e apontamentos originais no posto comando MFA, digitalizados.

As fotografias, mantêm-se no documentário, “fixas”, salvo excepções assinaladas em *A fita do tempo*, por se considerar que a fotografia carece de atributos que lhe são próprios, e sem prejuízo do documentário, a opção ditou assim, bem como o som que não existe no espaço temporal de visualização destas, questões de conceito que se prendem á autenticidade do filme.

As imagens movimento surgem descontextualizadas do seu formato inicial – filmes – aos quais foram apropriadas, sem se alterar a relação áudio/imagem posteriormente.

O documentário é linear e explicativo, segue a lógica sequencial das operações que a bibliografia permitiu elaborar, com especial recurso ao livro *Alvorada em Abril*, documento central.

Analisei imagens da realidade, fotografias, filmes e sons que registaram “aquele real”, passado é certo, mas um acontecimento com história de pessoas, de um povo, de um país. Elementos documentais que incorporaram dispositivos de comunicação: jornais, livros, documentários (objectivamente), cartazes e na era do digital, sites, aplicações multimédia entre outros. Desta forma a realidade é submetida a análise, é tratada, enquadrada, talvez por o mesmo princípio com que trabalhei este universo imagético, na intenção objectiva de materializar a reflexão com o desejo do caminho me levar à construção de uma narrativa.

As imagens, de fontes dispersas e distintas, pensava eu..., haveriam de formar “um todo que vale mais do que a soma de cada uma das suas partes”, numa atitude metodológica, exigente e consciente de que a verdade deste documentário, reside no respeito absoluto pela imagem, mesmo apropriada, editada, objecto de montagem, logo “alterada” à sua fonte inicial, sem que isso tivesse implicado modificações semânticas, é garante de que, este documentário, vive de autenticidade e realismo.

Aqui, o realismo entende-se por uma adequação à realidade, seja do ponto de vista meramente técnico, seja estético, seja pelo princípio de verdade perante as imagens, a “história”, o acontecimento – e esse valor é algo de pessoal e intrínseco a mim mesmo enquanto indivíduo. Paralelamente e por definição - realismo, “é qualidade ou estado do que é real” no caso deste dispositivo visual será a representação de uma realidade e logo, que “*pela realidade, isto é, pela representação realista do mundo, o espectador vê-se interpelado culturalmente...*” (Grilo. 2006 p.25), o que pode entender-se como uma ambição algo demasiada para um trabalho desta dimensão, mas teoricamente citável.

É necessário abordar uma questão concreta de metodologia referente à execução do documentário. “*O documentário é pois um espaço onde se abre possibilidade de constantemente se construírem, reconstruírem, criarem, recriarem e combinarem formas de ordenação dos elementos que dele fizeram parte.*” (Penafria. 1999, p.23). Refiro a **Montagem**. Para cumprir e validar a citação supracitada, é efectivamente incontornável essa “*operação de articulação entre os regimes de percepção, com o predomínio de um deles... A montagem não é portanto, uma instância técnica de fabrico de um filme, mas o lugar onde o todo toma forma e adquire uma qualidade que, por sua vez, qualifica as imagens. Numa palavra, a montagem é o lugar em que cada filme determina o seu centro de percepção*” (Grilo. 2006 p.38). É curioso assinalar uma vez mais alguma “analogia” de conceito relativamente a obras do cinema soviético (salvo as óbvias distâncias), João Mário Grilo na 11ª Lição, o *cinema soviético*, diz em conclusão “*Montagem, a charneira da revolução*” (Grilo. 2006 p.82), em que fala da escola soviética do anos 20 e 30 : “*é a montagem que, antes de ser um princípio técnico do cinema é também um princípio afirmado, explorando e utilizado na URSS nos diversos domínios da cultura e da vida social.*” (Grilo. 2006 p.83).

Já por seu lado, Bazin refere: “*uma crítica de natureza epistemológica: a montagem deve ser interdita quando destrói a ambiguidade que caracteriza o Real.../...porque a autenticidade de certos factos exige mesmo este tipo de tratamento mais realista; e finalmente, porque se ajusta, muito melhor à nossa forma psicológica (óptica e visual) de assimilação da realidade*” (Grilo citando Bazin. 2006 p.163).

Mas Bazin vai mais longe: “*A utilização da montagem pode ser invisível, os cortes nos planos não têm outro objectivo que o analisar o objecto...o espírito do espectador adopta naturalmente*

os pontos de vista que se propõe, pois são ditados pela geografia das acções ou pelo deslocamento dramático.” (BAZIN – O cinema, a evolução da linguagem cinematográfica)

Face ao acima referido, na minha opinião, esta operação é de sobremaneira de evidenciar na concepção do documentário sobre a imagem do 25Abr74, porque de facto foi a montagem, num exercício conceptual que também determinou a existência do seu conteúdo, como se visualiza.

Há em todo o processo um compromisso com a realidade, numa harmonia com os interesses da investigação, no pressuposto desta conseguir cumprir os objectivos propostos.

3.2 FITA DO TEMPO

tempo início	tempo fim	tipo de imagem	fonte
00:00:00	00:07:00	movimento	Natal de 71

Imagem a remeter para o universo filmico, sem preponderante importância documental.

00:38:10	01:13:20	som	Natal de 71
----------	----------	-----	-------------

Extraído do documentário Natal de 71 (ao tempo 03'09”) , este som pretende funcionar como introdução ao objecto prático, não se vincula a qualquer imagem visível, remetendo o espectador para a problemática do tema em pesquisa. A voz é de Margarida Cardoso, a própria realizadora do documentário Natal de 71, a origem da ideia do filme começa na descoberta relatada nas palavras, pretexto para, posteriormente, “convidar o pai a guiá-la numa viagem de regresso aos tempos das comissões militares no Ultramar.”

01:16:21	01:25:00	movimento	Deus, Pátria, Autoridade
----------	----------	-----------	--------------------------

Capítulo de Introdução

A visualização do monumento na Praça do Império em Angola, alusão ao Estado Novo, às colónias.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 25'34”)

01:32:18	02:40:18	movimento	Deus, Pátria, Autoridade
----------	----------	-----------	--------------------------

Estado Novo – 1936, Braga. Salazar discursa e enumera princípios ideológicos da sua política. A imagem que o documentário fonte proporciona, afigura-se suficiente para referenciar a

informação pretendida, aproveita-se na totalidade a voz editada conjuntamente com imagem movimento, sem manipulação a partir da fonte, (ao tempo 28'15")

02:41:06	02:47:18	movimento	Deus, Pátria, Autoridade
----------	----------	-----------	--------------------------

Papa Paulo VI visita Portugal em peregrinação a Fátima, 13 maio 1967; o Estado Novo e a religião. Informação sobre a data e pormenores verificados em :

http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/travels/sub-index/index_fatima_po.htm

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 31'37")

02:47:19	03:19:00	movimento	Deus, Pátria, Autoridade
----------	----------	-----------	--------------------------

Inauguração do monumento ao Cristo-Rei, 17 de Maio de 1959, pelo cardeal Cerejeira, evidenciava a relação do poder com a igreja. Confirmação de data do acontecimento em :

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristo-Rei> .

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 33'22")

03:19:01	04:09:14	movimento	Deus, Pátria, Autoridade
----------	----------	-----------	--------------------------

O estádio nacional e uma actividade da Mocidade Portuguesa; a referencia obrigatória ao General Humberto Delgado, opositor ao governo e abordagem sobre a repressão, arma do estado ditador.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 35'13")

04:44:06	04:56:00	movimento	Portugal 74-75
----------	----------	-----------	----------------

Imagens documentais das cerimónias fúnebres de Salazar.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 03'29")

04:56:01	05:10:19	movimento	Deus, Pátria, Autoridade
----------	----------	-----------	--------------------------

O Estado Novo e a morte de Salazar, Marcelo Caetano e o novo poder.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 35'25")

06:45:19	07:08:06	movimento	Portugal 74-75
----------	----------	-----------	----------------

Referência á guerra colonial, motivadora aliás do movimento que originaria a Revolução.
Não há qualquer manipulação contextual de imagem/som a partir da fonte, (ao tempo 07'07")

07:09:06	07:21:18	som	Canções de Abril
----------	----------	-----	------------------

O som real, excerto da música - "...às vinte e duas e cinquenta e cinco a voz de João Paulo Dinis fazia-se ouvir, proferindo o primeiro sinal: *faltam cinco minutos para as vinte e três horas. Convosco Paulo de Carvalho com o eurofestival de 74* «E depois do adeus»." in Alvorada em Abril p. 307,

07:23:12	07:43:00	som	Os cravos de abril TSF
----------	----------	-----	------------------------

O som real, excerto de Os Cravos de Abril – faixa «E o microfone falou às 4 e tal» (ao minuto 07'20") leitura do texto "...pelo locutor Leite de Vasconcelos aos microfones do programa Limite da Rádio Renascença, às 00h20m de 25 de Abril de 1974." in História Contemporânea de Portugal , vol I p.15

08:29:15	08:30:12	fixa	Ascensão, Apogeu e Queda do MFA
----------	----------	------	---------------------------------

Imagens fixas registadas, ás quais não foi possível determinar a autoria, foram inéditas na publicação citada, registadas no quartel de RAP3 da Figueira da Foz na madrugada de 25 de Abril de 1974.

" 03h00 em ponto (HORA H) do dia 25 de Abril de 1974. Após ter sido detido o Comandante, são rebentados os portões das arrecadações de material de guerra. Retirados os cunhetes de munições, o diligente aspirante Dias abre o primeiro cunhete de Abril, na Figueira da Foz, principiando-se a sua abertura e distribuição aos revoltosos." in Ascensão, Apogeu e Queda do MFA p.s/número entre a p32/33.

08:30:32	08:32:12	fixa	Ascensão, Apogeu e Queda do MFA
----------	----------	------	---------------------------------

" Silenciosos, friorentos, sonolentos, os soldados formam passivamente em coluna indiana, recebem, inicialmente pouco determinados, as munições a tão estranha hora da noite." in Ascensão, Apogeu e Queda do MFA p.s/número entre a p32/33.

Imagens fixas registadas, ás quais não foi possível determinar a autoria, foram inéditas na publicação citada, registadas no quartel de RAP3 da Figueira da Foz na madrugada de 25 de Abril de 1974.

08:32:14	08:34:12	fixa	Ascensão, Apogeu e Queda do MFA
----------	----------	------	---------------------------------

“Já formados e após terem sido informados de levantamento militar aguardam disciplinadamente as instruções preliminares e a ordem de embarcar nas viaturas militares.” *in* Ascensão, Apogeu e Queda do MFA p.s/número entre a p32/33.

Imagens fixas registadas, às quais não foi possível determinar a autoria, foram inéditas na publicação citada, registadas no quartel de RAP3 da Figueira da Foz na madrugada de 25 de Abril de 1974.

08:44:00	08:47:22	fixa	Ascensão, Apogeu e Queda do MFA
----------	----------	------	---------------------------------

.” As primeiras instruções de embarque começam a ser cumpridas... Seguem-se as munições... Após o que virão «Browings» 12,7 ...” *in* Ascensão, Apogeu e Queda do MFA p.s/número entre a p32/33.

Imagens fixas registadas, às quais não foi possível determinar a autoria, foram inéditas na publicação citada, registadas no quartel de RAP3 da Figueira da Foz na madrugada de 25 de Abril de 1974.

08:47:23	08:51:07	fixa	Ascensão, Apogeu e Queda do MFA
----------	----------	------	---------------------------------

” Já formados e após terem sido informados de levantamento militar aguardam disciplinadamente as instruções preliminares e a ordem de embarcar nas viaturas militares.” *in* Ascensão, Apogeu e Queda do MFA p.s/número entre a p32/33.

Imagens fixas registadas, às quais não foi possível determinar a autoria, foram inéditas na publicação citada, registadas no quartel de RAP3 da Figueira da Foz na madrugada de 25 de Abril de 1974.

08:51:08	08:54:12	fixa	Ascensão, Apogeu e Queda do MFA
----------	----------	------	---------------------------------

Imagens fixas registadas, às quais não foi possível determinar a autoria, foram inéditas na publicação citada, registadas no quartel de RAP3 da Figueira da Foz na madrugada de 25 de Abril de 1974.

” Já no final, culminando a determinação crescente de que se apoderam, é patente a boa disposição de alguns que a começam a compreender...” *in* Ascensão, Apogeu e Queda do MFA p.s/número entre a p32/33.

09:03:22	09:09:20	fixa	25 de Abril - documento
----------	----------	------	-------------------------

Tomada da Radiotelevisão Portuguesa, fotografia de Novo Ribeiro. Digitalizada do livro 25 de Abril – documento, p11.

Esta imagem é apresentada em diversas publicações, esta opção de referência bibliográfica resido no facto de, neste livro em particular surgir com indicação de autor, o que não se verifica nas outras publicações analisadas.

09:09:23	09:42:23	movimento	Noticiários RTP
----------	----------	-----------	-----------------

Excerto de imagem movimento do “Serviço informativo” da Rádio Televisão Portuguesa.

Noticiário das 22h23, “blocos noticiosos...e 22h23, o último integrando imagens da ocupação da RTP pelas Forças Armadas...”, sinopse do documento imagético Noticiários RTP, voz de Fialho Gouveia, repórter de imagem José Manuel Tudela.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 34’20”)

09:53:00	09:59:06	fixa	Jornal de Noticias de 25.04.1994
----------	----------	------	----------------------------------

Fotografia dos militares e tanque, no Campo 24 de Agosto, no Porto. Edição do Jornal de Noticias de 25 de Abril de 1994, intitulado 20 Anos de Liberdade, página 39 num artigo em caixa designado por “o canhão que deu nas vistas”. Não consta autoria do registo.

11:33:00	12:03:09	som	Os cravos de abril TSF
----------	----------	-----	------------------------

O som documental, excerto de Os Cravos de Abril, leitura do primeiro comunicado do Movimento das Forças Armadas – MFA (início ao minuto 01’08”).

Descrição textual “..Mais precisamente: 4 horas e 26 minutos. E foi lido o primeiro comunicado! Emissores em simultâneo, frente ao microfone, texto na mão, o Joaquim Furtado, leu: - Aqui posto de comando ...” in Aqui Emissora da Liberdade, p.54.

12:08:23	12:18:10	movimento	Portugal 74-75
----------	----------	-----------	----------------

Intencionalmente inseridas por registarem o movimento das viaturas militares, bem como a presente do carro eléctrico – objecto que pode permitir contextualização espacial – retirado do documentário Portugal 74-75.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 23’59”)

12:18:20	12:47:04	movimento	As armas e o Povo
----------	----------	-----------	-------------------

Militar no Terreiro do Paço, é possível observar a presença de população. A opção de selecção para o presente documentário recaiu também por esse pormenor, o Povo iniciava a adesão ao Movimento.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 03'48")

12:47:05	12:50:13	fixa	Lisboa Revolucionária
----------	----------	------	-----------------------

“Olhando do mesmo ângulo, de onde fotografou Carlos Gil há 33 anos...” *in* Lisboa Revolucionária – Roteiro dos Confrontos Armados do século XX, p113, Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, fotografia Carlos Gil.

12:50:14	12:54:03	fixa	Lisboa Revolucionária
----------	----------	------	-----------------------

“Madrugada do 25 de Abril de 1974: autometralhadora da Cavalaria de Santarém em posição de controlo no Terreiro do Paço” *in* Lisboa Revolucionária – Roteiro dos Confrontos Armados do século XX, p114, Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, fotografia sem referência de autor.

12:54:04	12:58:04	fixa	Lisboa Revolucionária
----------	----------	------	-----------------------

“...na Rua do Arsenal, forças da Escola Prática de Cavalaria barram o caminho ao carros de combate M47 de Regimento de Cavalaria 7...” *in* Lisboa Revolucionária – Roteiro dos Confrontos Armados do século XX, p119, Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, fotografia sem referência de autor.

13:06:16	13:10:19	fixa	Portugal Contemporâneo vol.6
----------	----------	------	------------------------------

“Buraco aberto na parede de separação com a biblioteca do Ministério da Marinha para possibilitar a fuga dos ministros e chefes militares reunidos nos Ministérios do Exército ao princípio da manhã de 25 de Abril” . Digitalizada do livro Portugal Contemporâneo vol.6 p.18 fotografia sem referência de autor.

13:31:12	13:35:21	fixa	JN 25.04.1974 nº 322
----------	----------	------	----------------------

Registo das movimentações militares no Porto, 1ª página do JN – Jornal de Noticias nº322 edição especial, fotografia sem referência de autor.

13:35:22	13:40:01	fixa	JN 25.04.1974 nº 322
----------	----------	------	----------------------

“Às 7 e 15 da manhã de hoje, blindados tomaram posição na Avenida dos Aliados tendo sido colocado um canhão voltado para a Câmara Municipal do Porto”, Jornal de Noticias nº322 edição especial, página 2, fotografia sem referência de autor.

13:40:02	13:43:22	fixa	JN 25.04.1974 nº 322
----------	----------	------	----------------------

“Junto do Palácio dos Correios do Porto, o aparato militar estava reduzido...” , Jornal de Noticias nº322 edição especial, página 2, fotografia sem referência de autor.

13:43:23	13:48:11	fixa	JN 25.04.1974 nº 322
----------	----------	------	----------------------

Registo das movimentações militares no Porto, 1ª página do JN – Jornal de Noticias nº322 Edição especial, fotografia sem referência de autor. Optou-se por esta fotografia pela referência ao edifício da Câmara Municipal do Porto, o que permite contextualizar espacialmente.

13:48:12	13:54:11	fixa	JN 26.04.1974 nº 323
----------	----------	------	----------------------

“Frente à Direcção-Geral de Segurança logo pela manhã se aglomerou vasta multidão para assistir à ocupação do prédio pelas forças armadas” – no Porto, Jornal de Noticias nº323 edição especial, página 3, fotografia sem referência de autor.

13:55:22	15:26:20	som	Cravos de Abril - TSF
----------	----------	-----	-----------------------

O som real, excerto de Os Cravos de Abril, faixa Alta Tensão (período entre minuto 01'28” – 01'48’) – sobre movimentações de forças leais ao Governo.

14:02:06	14:04:09	fixa	Para Além do Portão
----------	----------	------	---------------------

“2º Esquadrão do Regimento de Cavalaria da GNR, no Jardim de S.Pedro de Alcântara, ...” *in* Para Além do Portão – A GNR e o Carmo na Revolução de Abril, p88, Arquivo Fundação Mário Soares, fotografia Mário Varela Gomes.

14:04:10	14:06:12	fixa	Para Além do Portão
----------	----------	------	---------------------

“2º Esquadrão do Regimento de Cavalaria da GNR, no Jardim de S.Pedro de Alcântara, ...” *in* Para Além do Portão – A GNR e o Carmo na Revolução de Abril, p121, Arquivo Fundação Mário Soares, fotografia Mário Varela Gomes.

14:06:13	14:08:08	fixa	Lisboa Revolucionária
----------	----------	------	-----------------------

“Frente ao Teatro da Trindade forças da GNR fieis ao regime tentam cercar as tropas de Salgueiro Maia antes da rendição do Quartel do Carmo” *in* Lisboa Revolucionária – Roteiro dos Confrontos Armados do século XX, p143, Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, fotografia de Carlos Gil.

14:08:10	14:10:07	fixa	Lisboa Revolucionária
----------	----------	------	-----------------------

A opção por esta imagem, resulta de duas motivações, a primeira pela necessidade de documentar imagéticamente, a segunda pela constatação de que duas fontes bibliográficas apontam autores distintos para uma mesma fotografia.

“Salgueiro Maia em conversação com o capitão Lomelino e com o tenente Loureiro Pinto, no Largo Bordalo Pinheiro” *in* Para Além do Portão – A GNR e o Carmo na Revolução de Abril, p99, Arquivo Fundação Mário Soares, fotografia Mário Varela Gomes.

“Salgueiro Maia contacta com a GNR” *in* História Contemporânea de Portugal – Portugal de Abril, p19, fotografia de Carlos Gil

14:10:08	14:11:20	fixa	Para Além do Portão
----------	----------	------	---------------------

“Chegada da Companhia do Beato à Rua D.Pedro V” *in* Para Além do Portão – A GNR e o Carmo na Revolução de Abril, p89, Arquivo Fundação Mário Soares, fotografia Mário Varela Gomes.

14:40:30	14:47:12	movimento	As Armas e o Povo
----------	----------	-----------	-------------------

Movimentação da “Fragata NRP Almirante Gago Coutinho ... regresse ao Tejo, a fim de ocupar posição em frente ao Terreiro do Paço...”; texto *in* Alvorada em Abril, p353. O excerto imagético é do documentário As Armas e o Povo, (ao tempo 03’41”) A imagem/som apresentados sofreram manipulação a partir da fonte, sendo que se retirou o som original que remetia para uma voz off.

14:47:13	14:50:102	fixa	Lisboa 25 Abril 74 - Roteiro fotográfico
----------	-----------	------	--

“...o dia inicial inteiro e limpo...” pelo interesse da imagem e também pelas palavras que a completam, frase excerto do poema *25 de Abril* de Sophia de Mello Breyner Andresen, publicado no livro «Abril 30 anos trinta poemas» p9; contudo o texto e foto aqui referenciados *in* Lisboa, 25 de Abril de 1974 – breve roteiro fotográfico. Paginação sem número. Fotografia de Alfredo Cunha

15:01:08	15:07:21	fixa	Lisboa 25 Abril 74 - Roteiro fotográfico
----------	----------	------	--

“...onde emergimos da noite e do silêncio...” frase excerto do poema *25 de Abril* de Sophia de Mello Breyner Andresen, publicado no livro «Abril 30 anos trinta poemas» p9; contudo o texto e foto aqui referenciados *in* Lisboa, 25 de Abril de 1974 – breve roteiro fotográfico. Paginação sem número. Fotografia de José Antunes

Esta fotografia surge em diversas publicações, nomeadamente no suplemento especial do Jornal de Noticias de 25 de Abril de 1994, assinalando os 20 anos da Revolução.

Na minha opinião, esta fotografia é marcante no processo de registo documental pelo simbolismo de tensão que gera na narrativa, evidente transposição do real.

15:13:08	15:58:20	som	Cravos de abril - TSF
----------	----------	-----	-----------------------

O som real, excerto de Os Cravos de Abril, faixa Largo do Carmo (período entre minuto 05'12" – 05'58") – a voz de Adelino Gomes, proibido de trabalhar na rádio há dois anos pela censura, naquele dia de Abril “registaria depois para a História, num gravador emprestado, os sons e as imagens dos minutos das horas seguintes até à rendição do governo, mas no Terreiro do Paço, Adelino Gomes foi mais um espectador dos acontecimentos do que propriamente um jornalista...” . O relato destas imagens é dele.

15:19:18	15:58:20	movimento	As Armas e o Povo
----------	----------	-----------	-------------------

Imagens movimento, excerto do documentário As Armas e o Povo (ao tempo 04'18") , manipulado ao nível do som, resultado de análise de várias imagens e som, incluindo o que o próprio documentário apresentava, foi incluído o supracitado que “pertence”, sem dúvida, a este momento imagético inicial.

É pormenor da evidência do trabalho de pesquisa desenvolvido, por de diferentes fontes, acreditar obter a informação necessária que afiance dizer que a relação som e imagem são verídicos.

As duas anotações de tempo supracitadas completam-se.

16:54:00	16:57:02	movimento	Para Além do Portão
----------	----------	-----------	---------------------

“ Helicóptero nas imediações do Carmo” *in* Para Além do Portão – A GNR e o Carmo na Revolução de Abril, p125, Arquivo Fundação Mário Soares, fotografia Mário Varela Gomes.

16:57:04	18:14:00	movimento	O Pulsar da Revolução
----------	----------	-----------	-----------------------

Imagens movimento, com registo das operações militares no Largo do Carmo excerto do documento multimédia O Pulsar da Revolução.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte.

18:14:01	18:20:16	movimento	As Armas e o Povo
----------	----------	-----------	-------------------

Imagens movimento, excerto do documentário As Armas e o Povo (ao tempo 06'04''), retirado som do documentário fonte, por não se enquadrar neste documentário, entendeu-se importante a apresentação destas imagens pelo seu valor documental.

18:42:22	19:12:07	movimento	O Pulsar da Revolução
----------	----------	-----------	-----------------------

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, apresentam-se como registo das operações militares no Largo do Carmo excerto do documento multimédia O Pulsar da Revolução.

Numa fotografia do jornal «O Século» perfeitamente identificada com estas imagens, legendar-se-ia “Viatura do general Spínola à entrada do quartel, ladeada, à direita, pelo major Velasco” *in* Para Além do Portão – A GNR e o Carmo na Revolução de Abril p181.

19:30:15	20:42:15	movimento	Noticiário RTP
----------	----------	-----------	----------------

Excerto de imagem movimento do “Serviço informativo” da Rádio Televisão Portuguesa. Noticiário das 18h40, (ao tempo 00'01”) - “blocos noticiosos das 18h40, 21h30 e 22h23...” - da sinopse do documento imagético, voz de Fialho Gouveia e Fernando Balsinha, realização Alfredo Tropa, assistente telejornal António Esteves, coordenação de operações João Soares Louro .

A importância destas imagens reside no facto de este ser o primeiro telejornal após a rendição do governo, a difusão das primeiras imagens, o exercício da comunicação.

20:52:11	21:04:09	movimento	O Pulsar da Revolução
----------	----------	-----------	-----------------------

Imagens movimento, com registo das operações militares no Largo do Carmo excerto do documento multimédia O Pulsar da Revolução; a procura de imagem dos momentos que esta cena apresenta assume um propósito claro, são as únicas “a cor” e surgem com um cariz metafórico de liberdade, perder-se-ia o “preto e branco” para a cor, associado às palavras de Francisco Sousa Tavares “é a libertação da pátria” e escutam-se, sem qualquer manipulação, os gritos de “vitória”, na minha perspectiva.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte.

21:04:21	21:13:07	movimento	As Armas e o Povo
----------	----------	-----------	-------------------

Pode-se referir outra fonte bibliográfica, no caso escrita: “Pelas dezanove e trinta, cautelosamente, rompendo caminho através da multidão, a AML/Chaimite Bula encosta à porta de armas a fim de permitir a entrada de Marcelo Caetano, ...” in Alvorada em Abril p390.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 07’25”)

21:13:08	22:15:02	movimento	O Pulsar da Revolução
----------	----------	-----------	-----------------------

“ A Chaimite que transporta Marcelo escolta por sua vez a viatura civil do general, que à saída é delirantemente vitoriado por milhares de gargantas” in Alvorada em Abril p391.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte - documento multimédia O Pulsar da Revolução;

22:27:02	22:32:24	fixa	Portugal de Abril
----------	----------	------	-------------------

“Spínola e Vitor Alves na Pontinha (RP-15-V-1974) ” in História Contemporânea de Portugal – Portugal de Abril, p23, fotografia sem indicação de autor.

22:39:04	22:47:02	movimento	Portugal 74-75
----------	----------	-----------	----------------

O comentador exerce, tal como no documentário fonte, a sua função. Em termos simbólicos estas imagens – prisão de elementos da PIDE/DGS – são de extrema importância à data.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (aos tempos 29’07” e 29’53”)

22:47:03	22:50:00	fixa	Portugal Séc. XX
----------	----------	------	------------------

Imagem fixa digitalizada de Portugal Séc. XX – Crónica em Imagens – anos 70, p71 ; legenda: “ Os Pides são revistados antes e levados para a prisão de Caxias”, não está referenciado o autor da fotografia.

A escolha desta, na minha opinião, assume particular importância por ser objecto de registo documental sob as formas – movimento e fixa – como prova o documentário que apresento. Por outro lado, já foi trabalhada ficcionalmente por Maria de Medeiros na produção do filme “Capitães de Abril” em que no making off apresenta esta foto para a partir dela construir uma cena filmica tão real quanto possível, retratada no filme.

22:50:01	23:17:19	movimento	Portugal 74-75
----------	----------	-----------	----------------

O comentador exerce, tal como no documentário fonte, a sua função, neste excerto acresce o som exterior, causador de tensão e evidência até, sem qualquer falsa pretensão de esconder a fatídica realidade, os gritos de desespero e a confusão latente, face ao confronto de Pides e populares no cerco ao seu reduto.

“...após grande manifestação pelas ruas da Baixa, concentrando-se maciçamente na Rua António Maria Cardoso, frente à sede da DGS, ameaçando invadir o edifício. Das janelas, os mastins tinham alvejado a multidão com pistolas metralhadoras e havia já vários mortos e feridos” in Alvorada em Abril, p 393.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 30’20”)

23:23:21	24:05:11	movimento	Portugal 74-75
----------	----------	-----------	----------------

Fonte escrita refere: “A Junta...À uma hora da madrugada do dia 26, escoltados por uma força de blindados ligeiros comandada por Jaime Neves dirigem-se finalmente aos estúdios do Lumiar” in Alvorada em Abril, p 398.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 25’24”)

24:25:02	24:35:02	movimento	As Armas e o Povo
----------	----------	-----------	-------------------

Ocupação da sede da DGS/PIDE.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte, (ao tempo 10’01”)

24:25:02	24:35:02	fixa	Lisboa 25 Abril 74 Roteiro Fotográfico
----------	----------	------	--

“...diz-se que foi Silva Pais, o Director da policia quem apeou Thomaz e Caetano.” in Lisboa, 25 de Abril de 1974 – breve roteiro fotográfico. Paginação sem número. Fotografia de Eduardo Gageiro

24:41:03	24:47:02	fixa	Portugal Séc XX
----------	----------	------	-----------------

Imagem fixa digitalizada de Portugal Séc. XX – Crónica em Imagens – 1970-1980, p71 ;
legenda: “ Ocupada a PIDE/DGS, são apeados os símbolos autocracia de que era pilar
essencial”, não está referenciado o autor da fotografia neste documento, mas em pesquisa foi
possível apurar que se trata de Alfredo Cunha, por se encontrar assim justificado no seu site.
http://alfredocunha.no.sapo.pt/galeria_25abril/galeria.html

24:53:21	25:24:04	movimento	As Armas e o Povo
----------	----------	-----------	-------------------

Libertação dos presos políticos. A imagem não sofreu qualquer sem manipulação de
imagem/som a partir da fonte, (ao tempo 11'19")

25:24:05	25:35:17	movimento	Portugal 74-75
----------	----------	-----------	----------------

“O povo unido jamais será vencido”, a adesão popular exacerbava em gritos de liberdade.
A imagem não sofreu qualquer sem manipulação de imagem/som a partir da fonte, (ao tempo
27'20")

25:41:20	25:51:02	movimento	Noticiário RTP
----------	----------	-----------	----------------

Excerto do “Serviço informativo” da Rádio Televisão Portuguesa. Noticiário das 18h40, “blocos
noticiosos das 18h40, 21h30 e 22h23...” - da sinopse do documento imagético, voz de Fialho
Gouveia e Fernando Balsinha, realização Alfredo Tropa, assistente telejornal António Esteves,
coordenação de operações João Soares Louro .

A importância destas imagens reside no facto do serviço noticioso fazer referência ás
publicações do jornais.

A imagem/som apresentados não sofreram qualquer manipulação a partir da fonte.

25:51:03	25:57:02	fixa	JN 25.04.1974 nº 322
----------	----------	------	----------------------

“Movimento das forças armadas desencadeado em todo o país” – a manchete e a primeira página da Edição Especial do Jornal de Notícias - ano 86º nº322 de Quinta Feira 25 de Abril de 1974. Director M. Pacheco de Miranda, subdirector A. Freitas da Cruz

25:57:04	26:03:02	fixa	JN 25.04.1974 nº 322
----------	----------	------	----------------------

Pormenor da informação datada da Edição Especial do Jornal de Notícias - ano 86º nº322 de Quinta Feira 25 de Abril de 1974. Director M. Pacheco de Miranda, subdirector A. Freitas da Cruz

26:03:03	26:09:03	fixa	República 26.04.1974 nº 15422
----------	----------	------	-------------------------------

“O Programa do Movimento” – a manchete e a primeira página da Edição do Jornal República - ano 62 (2ª série) nº 15 422 de Sexta Feira 26 de Abril de 1974. Director Raul Rêgo

26:09:04	26:15:02	fixa	República 26.04.1974 nº 15422
----------	----------	------	-------------------------------

“Este jornal não foi visado por qualquer comissão de censura”, a frase inequívoca na Edição do Jornal República - ano 62 (2ª série) nº 15 422 de Sexta Feira 26 de Abril de 1974. Director Raul Rêgo

26:21:02	26:42:11	movimento	A Noite do Golpe de Estado
----------	----------	-----------	----------------------------

Voz off de Otelo Saraiva de Carvalho, excerto do documentário A noite do Golpe de Estado. (ao tempo 55'16")

Fim do documentário

CONCLUSÃO

Concluída a investigação, tanto quanto é possível determinar o momento de conclusão como epílogo de um projecto deste cariz, compreende parte de metodologia projectual e arrisca, mais do que terminar o processo, assumir uma intenção de continuidade ao suscitar novas abordagens do fenómeno imagético, concretamente à memória e ao 25 de Abril de 1974, universo temporal onde se focaliza todo o manancial de documentos visuais investigados.

Assim, revisito a problemática: *as imagens documentais – fixa e movimento – captadas no espaço temporal supracitado e que foram publicadas, consequentemente públicas, agora objecto de apropriação e descontextualizadas para construção de um dispositivo imagético sob a forma de documentário, serem elemento suficiente capaz de narrar o(s) acontecimento(s) e perante o espectador funcionarem como memória?*

A resposta remete-se para estudos posteriores, tendo o presente estudo de caso constituído um primeiro passo nessa direcção.

A reflexão está materializada no documentário, por forma a servir de base a visualização e análise do espectador – revê-se também assim, o carácter funcional deste dispositivo.

A relação entre imagem documental e memória é a principal característica teórica desta dissertação, conceitos que se revêem na prática – o documentário.

O conceito projectual desta investigação, assenta no conceito de *design* enquanto método, mas de igual forma aceitou que o percurso evolutivo reclamasse relações com o universo “artístico”, incontornável para o espírito criativo num desempenho que se fundamenta no *design de imagem*.

A manipulação destes objectos imagéticos, com o tempo, tornaram mais atraente o tema, reconhecendo-se, contudo, a satisfação da utilidade prática que o documentário possa ter. Visa contribuir para o aflorar de novas sensibilidades, que possam ser motivadoras de futuras e diferentes investigações, tendo como ponto de partida a problemática da memória e a sua construção, na relação com os acontecimentos colectivos e construção de memória futura. Assume intencionalmente um propósito de validar a narrativa, através da possibilidade de divulgação como objecto didáctico.

Fica a questão da impressão pessoal na concepção do dispositivo, por esclarecer, a medida exacta em que este se construiu alicerçado, no que possa ser a minha própria memória, por certo, também ela alterada agora pelo desenvolvimento deste projecto. O tema não está encerrado.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia consultada

ABRIL, Associação 25 de – **Abril 30 anos trinta poemas**. 1ª Edição, Lisboa : Editorial Campo das Letras, Abril de 2004. 105 pgs.
ISBN 972-610-821-7

ABREU, Alberto A. ; **Sessão solene comemorativa dos 25 anos de Abril** . Edição Cadernos Vianenses-Tomo 26. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo , 1999. 332 pgs.
ISSN 0871-4282

ABREU, Dinis de - **11 de Março – o tiro pela culatra**. 1ª Edição. Lisboa: Edição Liber, Março 1975. 113pgs
ISBN: s/registo

ALMEIDA, Diniz de – **Ascensão, Apogeu e Queda do MFA**. Lisboa: Edições Sociais, 1975. Volume.447 pgs.
ISBN s/registo

ANDRADE, Nuno – **Para Além dos Portões do Carmo – A GNR e o Carmo na Revolução de Abril**. 1ª Edição, Lisboa: Guerra e Paz Editores SA, Abril 2008. 255 pgs.
ISBN 978-989-8014-95-5

ANTÓNIO, Lauro [et al.] – O cinema português depois da revolução – **A Revolução de Abril 1978-2003 – 25 anos**. Lisboa. Volume 65 . Ano XXVI (III série) Abril 2004. pag. 52-57
ISSN 0870-4538

ANTÓNIO, Lauro - **A memória das Sombras**. Lisboa: Edit. Campo das Letras. 1988. 212 pgs.
ISBN 972-6100-739

ASSOCIACAO 25 DE ABRIL - **25 de Abril, 20 anos: 1974-1994**. Lisboa : A.25 de Abril, 1996. 754 pgs.
ISBN 972-96394-6

BARTHES, Roland – **A Câmara Clara (La Chambre Claire)**. Lisboa: Edições 70, 2005. 172 p.
ISBN 972-44-0076-x

BAURET, Gabriel - **A fotografia – história, estilos, tendências, aplicações**. 13ª edição Lisboa: Edições 70, Outubro 2006. 132 pgs.
ISBN 1ª edição 972-44-1047-1
ISBN 13: 972-972-44-1284-9

BAZIN, André – **O Cinema – Ensaios (Qu'est-ce que le Cinéma?)**. 1ª Edição 1991. Tradução: Ribeiro, Eloísa de Araújo. São Paulo: Editora Brasiliense. 164 pgs.
ISBN 85-11-22033-x

CARDOSO, General Silva; **25 de Abril de 1974 – A Revolução da Perfídia** . Lisboa: Prefácio, Edição de livros e revistas lda. , Abril 2008. 229 pgs.
ISBN 978-989-8022-79-0

CARVALHO, Otelo Saraiva de - **Alvorada em Abril**. Edição nº 01 503 019, 4ª ed. Lisboa : Editorial Notícias, 1998. 558 pgs.

ISBN 972-46-0916-2

CARVALHO, Otelo Saraiva de – **Cinco Meses Mudaram Portugal**. Lisboa : Portugália Editora, ano ? .
ISBN S/registo

CUNHA, Alfredo ; GOMES, Adelino - **O dia 25 de Abril de 1994** : 76 fotografias e um retrato.
Lisboa : Contexto, 1999. 140 pgs. .
ISBN 972-575-236-8

CRUZEIRO, Maria Manuela e Centro de Documentação 25 de Abril – **Melo Antunes, O Sonhador Pragmático**. Edição nº 10 04 0072, 1ª edição Outubro 2004, 3ª edição Janeiro 2005. Portugal: Editorial Notícias, 2005. 350 pgs.
ISBN 972-46-1563-4

CRUZEIRO, Maria Manuela - **Vasco Gonçalves — um General na Revolução**. Entrevista de Maria Manuela Cruzeiro. Edição nº 01 315 002, 1ª Edição. Lisboa: Editorial Notícias, Outubro de 2002. 305 pgs
ISBN: 972-46-1385-2

DACOSTA, Fernando; **O Viúvo - memórias do fim do império**. 5ª edição. Lisboa: Casa das Letras, Abril 2007. 202 pgs.
ISBN 978-972-1721-3

DACOSTA, Fernando – **Máscaras de Salazar**. 20ª edição Lisboa: Edições Casa das Letras, Março 2007. 366 pgs.
ISBN 978-972-46-1694-0

DACOSTA, Fernando - **Nascido no Estado Novo**. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Notícias, Novembro de 2001. 371pgs
ISBN: 972-46-0992-8

ECO, Humberto – **As formas do conteúdo (Le Forme del Contenuto)**. 3ª edição. S. Paulo – Brasil: Editora Perspectivas, 2004. 180 pgs.
ISBN 85-273-0158-x

ÉPOCA, Jornal - Edição ano IV nº31149. Lisboa: 26 de Abril de 1974. 8pgs

FRANÇA, José-Augusto – **Para História, Que História**. Colecção Ensaio. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1996. 39 pgs.
ISBN s/registo

GIL, José – **Portugal, Hoje – O medo de existir**. 11ªedição. Lisboa: Relógio d'Água Editores, Maio 2007. 201 pgs.
Dep. Legal nº 257942/07

GRILO, João Mário – **As Lições do Cinema, Manual de Filmologia**. 2ª edição Lisboa: Edições Colibri, Março 2008. 132 pgs.
ISBN 978-972-772-705-6

HALBWACHS, Maurice - **A memória coletiva**. Tradução por Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990
ISBN ???

JOLY, Martine– **Introdução à Análise da Imagem (Introduction à l'analyse de l'image)**. Lisboa: Edições 70, 1999, 159 pgs.
ISBN: 972-44-0989-9

JOLY, Martine–**Imagem e os Signos (L'image et les Signes)**. Lisboa: Edições 70, 2001. 235 pgs.

ISBN: 972-44-1246-6

JORGE, João Miguel Fernandes - **Processo em Arte**. Lisboa: Relógio d'Água Editores, Fevereiro 2008. 329 pgs.
ISBN 978-972-708-957-4

JORGE, Lúcia – **A Costa dos Murmúrios**. 11ª edição. Lisboa: Editora Dom Quixote.
ISBN 972-20-2343-8

LETRIA, José Jorge - **A canção política em Portugal**. Prefácio de José Barata Moura. – 2ª edição. Lisboa : Ulmeiro, 1999. 191 pgs.
ISBN 972-706-296-2

LOBO ANTUNES, António – **O Manual dos Inquisidores**. 9ª edição. Lisboa: Editora Dom Quixote, 1ª edição Setembro de 1996, 9ª edição Outubro 2002. 412 pgs.
ISBN 972-20-2367-5

MAH, Sérgio – **A fotografia e o privilégio de um olhar moderno**. (Estudos da F.C.S.H.-U.N.L.;10). Lisboa : Edições Colibri, 2003. 135 pgs.
ISBN 972-772-361-6

MAIA, Matos – **Aqui Emissora da Liberdade**. 1ª edição. Lisboa : Editorial Caminho SA, 1999. 229 pgs.
ISBN 972-21-1261-9

MARTIN, Sylvia, Nuno – **VideoArt**. Edit
ora Uta Grosenick, Tradução Maria do Rosário Bóleo. Germany : Edições Taschen, 2006. 95 pgs.
ISBN-13: 978-3-8228-4674-2
ISBN-10: 3-8228-4674-0

MATOS-CRUZ, António Macedo – **Cinema e viragem de uma época**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 2000
ISBN: 978-972-2017-459

MEDEIROS, Margarida – **Fotografia e Narcisismo – o auto-retrato contemporâneo**. Lisboa: Assírio & Alvim , 2000. 171 pgs.
ISBN 972-37-0606-2

MEDINA, João [et al.] – História de Portugal , Portugal Democrático (1) Volume XVIII. ISBN 972-719-268-8 (obra completa) ISBN 972-719-268-6 (vol. XVIII)

MUNARI, Bruno – **Das Coisas Nascem Coisas (Da Cosa Nasce Cosa)**. Lisboa: Edições 70, 1993. 388 pgs.
ISBN: 972-44-0160-X

NOTÍCIAS, Jornal de – **Edição Especial**. Edição ano 86º nº322. Porto: 25 de Abril de 1974. 10pgs

NOTÍCIAS, Jornal de – **Edição Especial**. Edição ano 86º nº323. Porto: 26 de Abril de 1974. 10 pgs

NUNES, Belina [et al.] – **Memória – Funcionamento, Perturbações, Treino**. Lisboa : Lidel, edições técnicas, Maio 2008. 340 pgs.
ISBN 978-972-757-513-

OLIVEIRA, Jorge Nuno – **Otelo, Herói Maldito**. Lisboa: Editora Nova Nórdica / Tempo, 1984. 95 pgs. SALAZAR, António Oliveira – **Como se levanta um Estado (Comment on releve un État)**. Tradução Paulo Resende de Vasconcelos. Lisboa: Ed. Atomic Books, Maio 2007. 133 pgs.

ISBN 978-989-95377-0-5

PENAFRIA, Manuela - **O filme Documentário – história, identidade e tecnologia.**

Lisboa: Edição Cosmos. 1999.

ISBN: 972-7621-724

PEREIRA, António Maria – **A burla do 28 de Setembro.** 3ª edição, Lisboa: Livraria Bertrand, 1976. 371 pgs.

PORTUGAL. Biblioteca Nacional - **O 25 de Abril na imprensa : Março-Maio 1974.** Lisboa :

Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994. 151 pgs.

ISBN 972-565-190-1

QUVUY, R. E Campenhoudt, L.V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** Lisboa. Ed.

Gradiva, 1998. 284pgs. ISBN: 972-662-275-1

RANGEL, Adriano; **Disciplina de projecto – conteúdos programáticos,** FBAUP – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2007

REIS, António [et al.] – **Portugal 20 anos de democracia.** Lisboa: Edição Circulo dos Leitores.

Fevereiro 2004. 509 pgs.

ISBN 972-42-0939-7

REIS, António [et al.] – **Portugal contemporâneo** Vol.6. Lisboa: Alfa. 1992. Dep. Legal

53827/92

REZOLA, Maria Inácia – **25 de Abril Mitos da Revolução.** 1ª edição. Lisboa: Ed. A esfera dos livros, Março 2007. 375 pgs.

ISBN 978-989-626-054-5

RESENDES, Mário Bettencourt – **As verdadeiras imagens de... Portugal um século de imagens.** Lisboa: Ed. Diário de Notícias, 1999.

Dep. Legal 15473-1999

RODRIGUES, Avelino ; BORGA, Cesário ; CARDOSO, Mário - **O movimento dos capitães e o 25 de Abril.** 1ª ed.. Lisboa, 2000. 349 pgs.

ISBN 972-20-1739-X

RODRIGUES, Urbano Tavares - **O Dia último e o primeiro.** Lisboa : Editorial Caminho, 1999. 35 pgs..

ISBN 972-21-1251-1

ROSAS, Fernando [et al.] – **Lisboa Revolucionária – Roteiro dos Confrontos Armados no Século XX.** 1ª Edição. Lisboa: Edições Tinta da China. Novembro 2007. 204 pgs.

ISBN 978-972-8955-45-7

RUI, José - **Operação Óscar : outra maneira de contar o 25 de Abril.** Lisboa, 2000. 40 pgs..

ISBN 97245-1521-4

SAMPIERI, Roberto Hernández; Collado, Carlos, Fernández; Lúcio, Pilar Baptista SANTOS, António Costa – **Proibido.** Lisboa: Guerra e Paz Editores, 2007.

ISBN 978-989-8014-59-7

Metodologia de Pesquisa. 3ª ed. S. Paulo. Ed. McGraw-Hill, 2006

SALAZAR, António Oliveira-**como se levanta um estado(comment on releve un État).**

Tradução: Paulo Resende de Vasconcelos: Lisboa Ed.atomic Books,Maio 2007.133 pgs

ISBN 978-989-95377-0-5

SARAIVA, José António - **Confissões – Os últimos ano no Expresso...** . 1ª Edição. Lisboa: Editora Oficina do Livro, Novembro de 2006. 414 pgs
ISBN: 989-555-240-8

SEMANÁRIO, Jornal – **As tentativas de fuga de Marcelo Caetano do quartel do Carmo** - Edição XX nº 1275. Lisboa: 24 de Abril de 2008. p.44,45

TELO, António José - **História contemporânea de Portugal – do 25 de Abril à actualidade**. 1ª edição. Lisboa: Editorial Presença, Março 2007. 400pgs
Dep. Legal 254 754/07

TRINDADE, Luis [et al.] – Os excessos de Abril – **A Revolução de Abril 1978-2003 – 25 anos**. Lisboa. ISSN 0870-4538. Volume 65 . Ano XXVI (III série) Abril 2004. pag. 20-44

VIEIRA, Joaquim – **Portugal Século XX – crónica em imagens anos 70**. Lisboa : Bertrand Editora, 2007. 216 pgs.
ISBN 978-972-2516-204

VISÃO, Revista - **74 o ano que mudou tudo**. Edição especial 25 Abril 25 anos. Lisboa: Edição Revista Visão. 22 de Abril de 1999. 28 pgs.

VISÃO, Revista - **A queda de Salazar**. Edição Histórica nº2. Lisboa: Edição Revista Visão. 2 de Julho 2008. 99 pgs.

Artigos

ALEGRE, Manuel – Contra o Medo, Liberdade. **Jornal O Público**. Lisboa: 25 Julho 2007 p.42

CAMPOS, Mário David; Monteiro, Lucília – O passado o presente, Manoel de Oliveira. **Revista Visão**. Lisboa: 17 de Julho 2008 p.105, 108

CARVALHO, Rodrigo Guedes de – Isto também é consigo. **Revista Única Expresso**. Lisboa: 21 Julho 2007 p.14

FONSECA, Ana Sofia; Burch, Jordi – Levanta-se o Carmo e a Trindade. **Notícias Sábado**. Lisboa: 19 de Abril 2008. p.89

MANGAS, Francisco – Entrevista a Manuel Loff, historiador. **Jornal Diário de Notícias**. Lisboa: 23 de Junho 2008. p.16

MOREIRA, Alexandra Beleza – Estado Novo, imagens confronto e memória. **Jornal de Notícias**. Portugal: 28 Outubro 2007 p.?

PEDROSA, Inês – Cantigas de Maio. **Revista Única Expresso**. Edição nº1852. Lisboa: 25 de Abril 2008. p.44-60

SAMPAIO, Daniel – Farto de Salazar. **Revista Pública**. Portugal : 9 de Março 2008 p.82
LOPES, João – 34 anos depois. **Notícias TV**. Lisboa: 25 de Abril 2008. p.76

Materiais não livro

BOTELHO, João – **Se a memória existe** . Colecção 25 de Abril 30 anos.[dvd]. Portugal : Jornal O Público, 1999. (1 DVD; 22min; cor)

CARDOSO, Margarida [et al.] – **Natal 71** . Coleção 25 de Abril 30 anos.[dvd]. Portugal : Jornal O Público, 1999. (1 DVD; 52min; cor)

FEIJÓ, Abi – **A noite saiu à rua** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Lisboa: Jornal O Público 1987. (1 DVD; Curta Metragem Animada;4min; cor)

FURTADO, Joaquim; VIEIRA, Joaquim; METELLO, Perez – **Portugal 74-74** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Lisboa: RTP e Jornal O Público, 1974. (1 DVD; 110min; pb)

HARLEM, Thomas – **Torre Bela** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Portugal : Jornal O Público 1977. (1 DVD; 82min; cor)

LAVIGNE, Ginette – **Duas histórias de prisão** . Coleção 25 de Abril 30 anos.[dvd]. Portugal : Jornal O Público, 2004. (1 DVD; 52min; cor)

LAVYGNE, Ginette – **A Noite do Golpe de Estado** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Lisboa: RTP e Jornal O Público, 1994. (1 DVD; 52min; cor)

NORDLUND, Solveig – **Amanhã** . Coleção 25 de Abril 30 anos.[dvd]. Portugal : Jornal O Público, 2000. (1 DVD; 12min; cor)

RTP, Serviço informativo – **Noticiários RTP dia 25 de Abril** . Coleção 25 de Abril 30 anos.[dvd]. Portugal : Jornal O Público, 1974. (1 DVD; 50min; pb)

PÚBLICO, O – **Canções de Luta e Liberdade 1** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[cd]. Portugal : 2004. (1 CD; 82min)

PÚBLICO, O – **Canções de Luta e Liberdade 2** . Coleção 25 de Abril 30 anos.[cd]. Portugal : 2004. (1 CD; 82min)

SANTOS, Alberto Seixas – **A Lei da Terra** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Portugal : Jornal O Público 1977. (1 DVD; 67min; cor)

SEIXAS SANTOS, Alberto [et al.] – **Brandos Costumes** . Coleção 25 de Abril 30 anos.[dvd]. Portugal : Jornal O Público, 1974. (1 DVD; 75min; cor)

SIMÕES, Rui – **Bom Povo Português** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Lisboa: RTP e Filmes Costa do Castelo, 1980. (1 DVD; 135min; pb)

SIMÕES, Rui – **Deus, Pátria, Autoridade, cenas da vida portuguesa 1910-1974**.[dvd]. Lisboa: RTP e Filmes Costa do Castelo, 1980. (1 DVD; 110min; pb)

TELEVISÃO, Sindicato dos trabalhadores da produção de cinema – **As armas e o Povo** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Lisboa: RTP e Jornal O Público, 1975. (1 DVD; 75min; cor)

TELLES, António da Cunha – **Continuar a viver – os índios da meia-praia** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Portugal : Jornal O Público, 1976. (1 DVD; 108min; cor)

TREFAUT, Sérgio – **Outro País** . Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Portugal : Jornal O Público 1999. (1 DVD; 70min; pb)

TSF, arquivo histórico – **Os Cravos da Rádio, Histórias de um certo Abril**.[registo sonoro]. Lisboa : Rádio TSF, 2005. (3 CD; 211min; extensão WMP)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Centro de Documentação 25 de Abril - **25 Abril – Uma Aventura Democrática**. 1ª edição [cd]. Portugal : 1999. (1 CD; multimédia)
ISBN 972-950-29-2-7

Documentos electrónicos

ARAÚJO, Mauro Luciano de – *A espessura do imaginário no documentário – a imagem e a ideologia*, Universidade Federal de Sergipe [consultado em Julho 2008] disponível de [www: <URL http://www.bocc.ubi.pt >](http://www.bocc.ubi.pt)

BEBIANO, Rui – *Que fazer com tanto passado* [consultado em Julho 2008] disponível de [www: <URL> http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/06/15/que-fazer-com-tanto-passado/#more-147](http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/06/15/que-fazer-com-tanto-passado/#more-147)

CORDEIRO, Edmundo – *Virtual: Realidade da imagem, ou o que é que nos impede de ver?*, Universidade da Beira Interior [consultado em Maio 2008] disponível de [www: <URL http://www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)

CRUZ, João – *Ccomotion* [consultado em Agosto 2008] disponível de [www: <URL> http://ccomotion.tumblr.com](http://ccomotion.tumblr.com)

CRUZEIRO, Maria Manuela – *Pior que uma voz que se cala é o silêncio que fala*. [consultado em Julho 2008] disponível de [www: <URL> http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/06/26/pior-do-que-uma-voz-que-cala-e-um-silencio-que-fala/#more-299](http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/06/26/pior-do-que-uma-voz-que-cala-e-um-silencio-que-fala/#more-299)

JOÃO, Maria Isabel – *O Ensino e a Memória Histórica* [consultado em Agosto 2008] disponível de [www: <URL> http://www.aph.pt/opinioao/opinioao_0204.html](http://www.aph.pt/opinioao/opinioao_0204.html)

Maurice Halbwachs. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2008. [Consult. Agosto 2008].
Disponível na [www: <URL: http://www.infopedia.pt/\\$maurice-halbwachs>](http://www.infopedia.pt/$maurice-halbwachs)

Memória colectiva: (des)continuidade do passado no presente. [Consultado Junho 2008]. Disponível na [www: <URL: http://memoriacolectiva.blogs.sapo.pt/arquivo/2004_04.html >](http://memoriacolectiva.blogs.sapo.pt/arquivo/2004_04.html)

MORAIS, Marco Paulo Mesquita. *A Memória do objecto museológico*. ISLA Gaia. [consultado em Junho 2008] Disponível na [www: <URL: http://gas http://www.islagaia.pt/ >](http://gashttp://www.islagaia.pt/)

PENAFRIA, Manuela – *Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo*, Universidade da Beira Interior. 1999 [consultado em Junho 2008] disponível de [www: <URL http://www.bocc.ubi.pt >](http://www.bocc.ubi.pt)

PENAFRIA, Manuela – *O ponto de vista no filme documentário*, Universidade da Beira Interior. 2001 [consultado em Junho 2008] disponível de [www: <URL http://www.bocc.ubi.pt >](http://www.bocc.ubi.pt)

PENAFRIA, Manuela – *Unidade e diversidade no filme documentário*, Universidade da Beira Interior. 1998 [consultado em Junho 2008] disponível de [www: <URL http://www.bocc.ubi.pt >](http://www.bocc.ubi.pt)

PENAFRIA, Manuela; MADAÍL, Gonçalo – *O filme documentário em suporte digital*, Universidade da Beira Interior. 1999 [consultado em Maio 2008] disponível de [www: <URL> http://www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt) >

PENAFRIA, Manuela – *O documentarismo do cinema*, Universidade da Beira Interior [consultado em Junho 2008] disponível de [www: <URL> http://www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)

PERALTA, Elsa. *Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa.[consultado em Junho 2008] Disponível na [www: <URL> http://www.ceep.fcsh.unl.pt/ArquivosdaMemorianovaserie1.php](http://www.ceep.fcsh.unl.pt/ArquivosdaMemorianovaserie1.php) >

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos*, Rio Janeiro, 1989 [consultado em Agosto 2008] Disponível na [www: <URL: http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf) >

(autor ?) – *Memória e esquecimento face à reorganização da estrutura da temporalidade* [consultado em Julho 2008] disponível de [www: <URL> http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3714](http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3714)

(autor ?) – *Memória colectiva: (des)continuidade do passado* [consultado em Julho 2008] disponível de [www: <URL> http://memoriacolectiva.blogs.sapo.pt/2004_04.html](http://memoriacolectiva.blogs.sapo.pt/2004_04.html)

(autor ?) *De que é que depende a memória colectiva de um povo*. [consultado em Maio 2008] Disponível na [www: <URL: http://gasolim.blogs.sapo.pt/325692.html](http://gasolim.blogs.sapo.pt/325692.html) >

(autor ?) *Memória e esquecimento face à organização da temporalidade* .[consultado em Maio 2008] Disponível [www:<URL http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3714](http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3714) >

ANEXOS

Referência imagética - fontes

A seguinte enunciação compreende a bibliografia, fonte de informação imagética que compõe uma base de 323 fotografias, estas, referenciadas ao documento, página, legenda e autoria de cada fotografia em formato digital – jpeg e tiff – obtidas por processo de digitalização.

Fruto da investigação, existe ainda um documento de interesse – 51 (cinquenta e uma) folhas digitalizadas que são do original do registo de acções e ocorrências, escrito no Posto de Comando do MFA.

Não se incluiu no dispositivo imagético por não serem imagens obtidas nos documentos referidos como passíveis de fornecerem informação, junta-se a título de exemplo dois exemplos.

ALMEIDA, Diniz de – **Ascensão, Apogeu e Queda do MFA**. Lisboa: Edições Sociais, 1975. Volume.447 pgs.
ISBN s/registo

ANDRADE, Nuno – **Para Além dos Portões do Carmo – A GNR e o Carmo na Revolução de Abril**. 1ª Edição, Lisboa: Guerra e Paz Editores SA, Abril 2008. 255 pgs.
ISBN 978-989-8014-95-5

ANTÓNIO, Lauro [et al.] – O cinema português depois da revolução – **A Revolução de Abril 1978-2003 – 25 anos**. Lisboa. Volume 65 . Ano XXVI (III série) Abril 2004. pag. 52-57
ISSN 0870-4538

CUNHA, Alfredo ; GOMES, Adelino - **O dia 25 de Abril de 1994** : 76 fotografias e um retrato. Lisboa : Contexto, 1999. 140 pgs. .
ISBN 972-575-236-8

ÉPOCA, Jornal - Edição ano IV nº31149. Lisboa: 26 de Abril de 1974. 8pgs

MEDINA, João [et al.] – **História de Portugal , Portugal Democrático** (1) Volume XVIII. ISBN 972-719-268-8 (obra completa) ISBN 972-719-268-6 (vol. XVIII)

NOTÍCIAS, Jornal de – **Edição Especial**. Edição ano 86º nº322. Porto: 25 de Abril de 1974. 10pgs

REIS, António [et al.] – **Portugal 20 anos de democracia**. Lisboa: Edição Circulo dos Leitores. Fevereiro 2004. 509 pgs.
ISBN 972-42-0939-7

REIS, António [et al.] – **Portugal contemporâneo** Vol.6. Lisboa: Alfa. 1992. Dep. Legal 53827/92

RESENDES, Mário Bettencourt – **As verdadeiras imagens de... Portugal um século de imagens**. Lisboa: Ed. Diário de Notícias, 1999.
Dep. Legal 15473-1999

REZOLA, Maria Inácia – **25 de Abril Mitos da Revolução**. 1ª edição. Lisboa: Ed. A esfera dos livros, Março 2007. 375 pgs.
ISBN 978-989-626-054-5

ROSAS, Fernando [et al.] – **Lisboa Revolucionária – Roteiro dos Confrontos Armados no Século XX**. 1ª Edição. Lisboa: Edições Tinta da China. Novembro 2007. 204 pgs.
ISBN 978-972-8955-45-7

TELO, António José - **História contemporânea de Portugal – do 25 de Abril à actualidade**. 1ªedição. Lisboa: Editorial Presença, Março 2007. 400pgs
Dep. Legal 254 754/07

TRINDADE, Luis [et al.] – Os excessos de Abril – **A Revolução de Abril 1978-2003 – 25 anos**. Lisboa. ISSN 0870-4538. Volume 65 . Ano XXVI (III série) Abril 2004. pag. 20-44

VIEIRA. Joaquim – **Portugal Século XX – crónica em imagens anos 70**. Lisboa : Bertrand Editora, 2007. 216 pgs.
ISBN 978-972-2516-204

VISÃO, Revista - **74 o ano que mudou tudo**. Edição especial 25 Abril 25 anos. Lisboa: Edição Revista Visão. 22 de Abril de 1999. 28 pgs.

Av. Deyhouli - Veterinária não
há problema.

Frankfort é TIRÉS ainda não
foi tomado

14.22

ALM. ARMEY TOKAT, M. CRETANAL Membros
do Governo Cezcos por fora do Mor. no
Ovarel da G.N.R. do Cezco e em ~~Laurel~~
; tendo sido apresentado em ultimato para
que ~~audição~~. Rapada uma ~~duas~~ ~~duas~~
as ~~plenas~~ ~~for~~ ~~da~~ ~~pr~~, as ~~deus~~ ~~virtues~~
blidadas, fez-se tentativa de heli. - Gen
General, Brigadiero ~~de~~ a ~~comando~~ ~~ite~~.
Aquele of. não se pode fazer. Tanto a última
hipótese: ~~fre~~ as ~~sá~~ ~~tes~~. Se ~~for~~ ~~ac~~ ~~os~~ ~~ta~~,
encaminharlos-ei para aí.

14h27 Transmite linha 5 precisa inf
Intercepção

(45)

Marcelo telefonou p^o o caso do m. General
dizer que se entregasse a ele fumaça.

(17.15)

DE CM 1 →

- 1º- Recebi um comunicado que a RTP de Porto foi
contactada e logo após enviado conto e
afins mandando para o ad o comunicado que foi
entregado com "slides" do Porto
- 2º- Comunicação de confirmação de que Gato se
não se sabe !!
- 3º- O GTE foi tornado e os indivíduos que
têm dois problemas:

- 1º- também d/ sobre por quem (sempre
Real) que os Chefes de GTE
- 2º- O map. Book de Porto
veremos os pontos?
força a reparação.

Cuidt que ocupa RTP (Cap. Bento/
tem tido dificuldade de
ligação CRGE

Autores de imagem na revolução

O período da Revolução de 25Abr74, teve nos fotógrafos forte impacto, pelo próprio fenómeno revolucionário quer pela oportunidade de registar o espírito que a nação vivia, com as suas características únicas na Europa e no Mundo.

Os fotógrafos nacionais que maior contributo viriam a dar no exercício da fotografia eram, à data, fotógrafos de jornais.

Em termos fotográficos o registo não se atribui somente aos fotógrafos portugueses, a título de exemplo, no filme *Outro País*³⁶, realizado por Sérgio Trefaut existe uma referência a um livro colectivo coordenado por Jean Paul Miroglio e Guy le Querrec, “*Régards sur une tentative de pouvoir populaire*” com imagens do 25Abr74.

No filme e escutando um entrevistado, arquivista da Magnum Photos, diz “*para se reunir todas as fotos captadas no período revolucionário de 1974 em Portugal seria preciso dar a volta ao mundo*”. Alguns destes fotógrafos estrangeiros desenvolveram trabalhos de fotojornalismo que viriam a circular pelo Mundo.

Mas não só a fotografia foi o suporte da imagem, também a imagem movimento, registada pelos “repórteres” da Rádio Televisão Portuguesa, única estação televisiva a funcionar em Portugal, desenvolveu papel fundamental na recolha, divulgação e arquivo de imagens da revolução.

A par da Rádio Televisão Portuguesa, existem imagens movimento captadas no período citado por repórteres estrangeiros, que viram Portugal como uma fonte inigualável de acontecimento e vivências que justificavam o seu trabalho.

Estas imagens foram citadas no documento Noticiários da RTP (em bibliografia) ao minuto de visualização [00:39:50] por Fialho Gouveia, na apresentação refere “*que filmaram no Largo do Carmo, João Rocha filmou e o assistente foi José Saraiva*”; nos Estúdios a realização era de Alfredo Tropa, assistente de telejornal António Esteves, reportagem de José Manuel Tudela e coordenação de operações de João Soares Louro.

Passo a referir lista de fotógrafos portugueses, aqueles que maior contributo prestaram, ou pelo menos aqueles que, bibliograficamente foi possível identificar, sempre com a ressalva de à data a lei não proteger os Direitos de Autor e imensas fotografias surgirem sem qualquer autor assinalado. Assim:

Carlos Gil
Eduardo Gageiro
Alfredo Cunha
Manuel Moura
João Ribeiro
Armando Vital
Joaquim Lobo
Pereira Sousa

³⁶ TREFAUT, Sérgio – *Outro País*. Coleção 25 de Abril 30 anos .[dvd]. Portugal : Jornal O Público 1999. (1 DVD; 70min; pb)

Dos fotógrafos pode referir-se:

Glauber Rocha

Robert Kramer

Thomas Alan

Santiago Alvarez

Rea Holmquist

Da Magnum Photos:

Jean Garny

Guy le Qurrec

Pilles Peres

Alécio de Andrade

De Amazonas Image: Sebastião Salgado

De L'Office: Dominique Isserman

Síntese técnica de objectos fílmicos observados

A seguinte informação diz respeito aos documentos fílmicos observados e que foram objecto de fonte de informação imagética, preponderante para o desenvolvimento da investigação.

Apresenta-se como complemento à informação bibliográfica, os seguintes elementos: título, sinopse, informações técnicas.

Sendo que, necessariamente, existem referências que são periodicamente revisitados, não contribuíram com as imagens porque essas não se contextualizam neste tema, assim e fazendo a ligação à parte teórica, permito-me listar alguns:

The lady in the lake, de Roberto Montgomery; *Kino-Eye – Man with the Movie*, de Dziga Vertov; *Je vous Salue, Marie* – de Jean-Luc Godard; *La Jetée* de Chris Marker; *Le Histoire du Cinema*, de Jean-Luc Godard; *Douro – Faina Fluvial* de Manoel de Oliveira; *Sophia de Mello Breyner Andresen*, de João César Monteiro; *Que farei com Esta Espada*, de João César Monteiro.

Resumos técnicos dos objectos:

DEUS PÁTRIA AUTORIDADE – CENAS DA VIDA PORTUGUESA 1910-1074

(Portugal 1975)

A partir do célebre discurso de Salazar feito em 1936 o filme procura de forma didáctica mostrar os alicerces do regime fascista durante os 48 anos da sua existência até ao 25 de Abril de 1973.

O funcionamento da sociedade portuguesa e a sua história desde 1910, a ideologia, salazarista, o apoio à igreja, a repressão e a guerra colonial até à libertação de Abril são os temas principais.*

Realização, argumento e produção: Rui Simões

Texto e narração: Rui Paulo da Cruz

Imagens: Gérard Collete, Acácio de Almeida, José Reynes

Banda Sonora: Luís Martins Saraiva

Montagem: Dominique Rolin

Documentos de Arquivo: RTP

* sinopse da editora

BOM POVO PORTUGUÊS

(Portugal 1980)

O filme procura traçar a história entre o 25 de Abril de 1974 e 25 de Novembro de 1975, tal como ela foi sentida pela equipa que, ao longo deste processo, foi ao mesmo tempo espectador, actor, participante, mas que, sobretudo, se encontrava totalmente comprometida com o processo revolucionário em curso.

Interpretação: Augusto Figueiredo, Cacília Guimarães, Hélder Costa, Manuel Martins, Adérito Lopes, Dina Mendonça, João Vaz, Manuela Serra, Maria Agelina Oliveira,
Realização, Argumento e produção: Rui Simões
Texto: Teresa Sá
Narrador: José Mário Branco
Imagens:: Gérard Collete, José Reynes, Mário Cabrita Gil, Rossel Parker, José Luís Carvalhosa
Som: Luís Martins Saraiva, Rui Simões, Richard Verthé, Carlos Alberto Lopes, Paola Porru, José Loupa
Banda Sonora: Luís Martins Saraiva
Montagem: Dominique Rolin

* sinopse da editora

NATAL 71 1999

“Natal 71” É o nome de um disco oferecido aos militares do Ultramar Português nesse mesmo ano. “Cancioneiro de Niassa” é o nome que foi dado a uma cassete áudio, gravada clandestinamente por militares ao longo dos anos de guerra, em Moçambique. Era o tempo em que Portugal era um grande império colonial,- pelo menos era o que eu lia nos livros da escola – e para que assim continuasse, o meu pai e grande parte da sua geração combateu em nessa guerra, que durou treze anos. Hoje transportamos em silêncio essas memórias. Olho para trás e tento ver. Em casa do meu pai encontrei algumas fotografias, a cassete e o disco. A cassete é uma voz de revolta, o disco é uma peça de propaganda nacionalista. São memórias de um país fechado do resto do mundo, pobre e ignorante, adormecido por uma propaganda melosa e primária que nos tentava esconder todos os conflitos, e nos impedia de pensar e de reconhecer a natureza repressiva do regime em que vivíamos (Margarida Cardoso)

Realização: Margarida Castro;
Com: Adelino Cardoso, João Maria Pinto, Manuel Carlos Pinto, Luís Alcobia, Florbela Queirós, Francisco Nicholson
Excertos do livro de António Lobo Antunes “Os cus de Judas”, lidos por Rogério Samora, Música (Cancioneiro do Niassa); “Taberna do Diabo”, musica e letra de Manuel Gouveia Ferreir, “Tango do Lunho”, musica de José Afonso.
Produção: Filmes do Tejo- Maria João Mayer, François d’Artemare.
Imagem: Lisa Hagstrand
Som: Pedro Figueiredo, José Barahona.
Mistura Branco Neskov.
Melhor Documentário Português XI Encontros Internacionais de Cinema Documental, Amascultura.(Nov. 2006)

* sinopse da editora

BRANDOS COSTUMES 1974

Cenas da vida doméstica duma família da média burguesia, alternadas de “actualidades” sobre a ascensão, glória e queda do Estado Novo, traçando um paralelo entre a figura do pai tradicional e do ditador Salazar.

Os conflitos e as frustrações das filhas(correspondendo a duas gerações) surgem representados dialecticamente, nas suas relações com os progenitores, a avó e a criada. Estes acontecimentos da esfera privada são postos em confronto com os da história colectiva do país...

Realização: Alberto Seixas Santos

Argumento: Alberto Seixas Santos, Nuno Júdice, Luiza Neto Jorge

Com: Luís Santos, Dalila Rocha, Isabel de Castro, Sofia de Carvalho, Creminda Gil, Constança Navarro

Música: Jorge Peixinho

Fotografia: Acácio de Almeida.

Exertos dos filmes “a Revolução de Maio”, de António Lopes Ribeiro, e “Chaimite”, de Jorge Brum do Canto

Produção: Centro de Cinema Português (CPC)

Participação: Fórum – Festival de Cinema de Berlim 1974; New Directors/ New Films, Nova Iorque

* sinopse da editora

NOTICIÁRIOS RTP DIA 25 DE ABRIL 1974

Só ao fim da tarde do dia 25 de Abril de 1974, a emissão da RTP entrou no “ar” com programação afectada aos revoltosos. As primeiras palavras da nova era televisiva foram ditas pelo locutor Fernando Balsinha, que leu um comunicado do Movimento das Forças Armadas. Durante horas, ele e José Fialho Gouveia mantêm-se simultaneamente, perante os ecrãs – um, lendo comunicados dos militares; o outro preparando a escolha de telexes das agências noticiosas sobre a situação em Portugal. Até à chegada, a meio da noite já, das primeiras imagens da revolução, que são emitidas sem montagem e com comentários de improviso de Fialho Gouveia (Publico)

Serviço informativo da RTP

Com Fernando Balsinha e Fialho Gouveia

Bloco Noticiosos das 18h30, 21h23o último integrando imagens da ocupação da RTP pelas Forças Armadas e das operações militares do Largo do Carmo

Realização: Alfredo Tropa

Assistente do telejornal: António Esteves

Coordenação de Operadores: João Soares Louro

Repórteres de Imagem: José Manuel Tudela (reportagem na RTP) e João Rocha (reportagem no Carmo)

* sinopse da editora

OUTRO PAÍS - MEMÓRIAS, SONHOS, ILUSÕES...PORTUGAL 1974/1975 1999

O 25 de Abril e a derrocada do último império colonial europeu projectaram Portugal para o primeiro plano da actualidade internacional. Na encruzilhada da guerra Fria ,os caminhos do ocidente passavam pelo que viesse a suceder em Lisboa .É a razão pela qual estiveram em Portugal entre 1974e 1975 alguns dos maiores cineastas e fotógrafos do nosso tempo: Glauber Rocha ,Robert Kramer,Thomas Harlan,Pea Holmquist, Santiago Alvarez ,Sebastião Salgado ,GuyLe Querrec,Domingos Issermann,JeanGaumyentre outros .Muitos deles sonhavam com um mundo diferente Vinham do Maio de 68,do Vietname,do Chile e viviam a Revolução Portuguesa de forma quase militante .O que descobriram em Portugal? O que aconteceu aos sonhos de então? como é que se adaptaram às ideologias do mundo de hoje ?As pesquisas para este documentário revelaram cerca de 40 filmes feitos por realizadores estrangeiros sobre a Revolução Portuguesa .Nenhum deles tem cópia em Portugal

Subtítulo :Memoria,Sonhos ,Ilusões ...Portugal 1974/1975

Realização e Argumento :Sérgio Trefaut

Musica: Excertos de "Tanto Mar "e "Fado Tropical "de Chico Buarque e "Eu vim de Longe ,e vou para longe (chulinha)"de José Mário Branco

Produtor Executivo: Pedro Correia Martins

Produções :SP Filmes

Co-Produção :SP Filmes ,RTP

Montagem: José Nascimento ,Pedro Duarte

Imagem :João Ribeiro ,Rui Poças ,Jon Jost

Som : António Pedro Figueiredo ,Joaquim Pinto

Prémio melhor Obra Documental nos"X encontros Internacionais de Cinema Documental de Malaposta "1999

* sinopse da editora

SE A MEMÓRIA EXISTE

Um dia no Pais das Pessoas Tristes ,o Povo decidiu reconquistar o seu Tesouro .Os soldados reuniram-se nos quartéis e pegaram nas suas armas, toda a gente saiu alvoroçadamente para a rua e acompanhou os soldados, cantando e gritando "Viva a Liberdade "Era o dia 25 de Abril

de 1974. Os capitais que fizeram a “Revolução dos Cravos” contam assim a história da Revolução que acabou com a ditadura em Portugal a uma menina que os ouve atentamente

(Portugal 1999)

Realização: João Botelho

Argumento: Manuel António Pina (“O Tesouro” conto para crianças)

Com Joana Pinhão Botelho, Vasco Gonçalves, Pezarat Correia, Vasco Lourenço, Victor Alves, Matos Gomes, Victor Crespo, Santos Osório, Mário Tomé, Costa Neves, Otelo Saraiva de Carvalho, Martins Guerreiro, Alfredo Assunção e Almada Contreiras

Música: Polifónicas Populares Portuguesas: “Requiem para as vítimas do Fascismo” de Fernando Lopes Graça; “Grândola vila morena” e “O cavaleiro e o Anjo” de José Afonso

Fotografia e Montagem: Daniel Del Negro

Som: Filipe Gonçalves

Produção: João Botelho

A Memória de Salgueiro Maia e José Afonso

Seleção oficial para o Festival de Veneza

* sinopse da editora

AMANHÃ

Nuno, um rapaz de nove anos, foge de sua casa na noite de 24 de Abril 1974. Ele esconde-se num edifício misterioso e abandonado subitamente. As pessoas haviam corrido pelas escadas e os carros partidos. Nuno e um cão são os únicos que aí permanecem. Tornam-se amigos e adormecem juntos.

Na manhã seguinte acordam com gritos vindos da rua. Ao pensar que seja a mãe a chama-lo, Nuno corre para a janela. As ruas estão repletas de gente, tanques e soldados. É o 25 de Abril. Nuno acredita que a sua mãe havia provocado uma revolução só para o encontrar

(Portugal 2000)

Realização e Argumento: Solveig Nordlund

Música: Johan Zacahrisson

Interpretes: Luís Simões, Carla Bolito

Diálogos: Eduarda Dionísio

Fotografia: Lisa Hagstrand

Som: Pedro Melo

Montagem: Pedro Marques

Produção: Manuel João Aguas

* sinopse da editora

DUAS HISTÓRIAS DE PRISÃO

Estas mulheres são semelhantes a tantas outras cuja vida pessoal se cruzou com a história do seu país. Tem a memória do que foi o regime fascista, também através da sua passagem pela prisão de Caxias. Hoje ao olhar para trás, olham também para o mundo que as rodeia e para as memórias deste tempo, que podem também ter influenciado a sua forma de estar na vida e na sociedade

(Portugal 2004)

Realização e Argumento: Ginete Lavigne

Com Diana Andringa, Maria José Campos e João Bénard da Costa

Excertos do Filme “Os Caminhos da Liberdade “ de Fernando Matos Silva

Música: “Pieces De Theorbe” de Visée

Produção: LXFilmes

* sinopse da editora

PORTUGAL 74-75

Às 18h40 do dia 25 de Abril de 1974, as primeiras imagens televisivas dão conta de uma mudança política que trouxe profundas consequências para Portugal e para o estrangeiro. O filme mostra a queda do regime nas ruas e o movimento vitorioso dos capitães, recuando aos seus antecedentes imediatos. A morte de Salazar, a ascensão de Marcello Caetano, os mortos na guerra em África, o livro “Portugal e o Futuro “ de António de Spínola, o levantamento militar de 16 de Março nas Caldas da Rainha. Do 25 de Abril, registam-se todos os passos relevantes: a rendição de Caetano no Largo do Carmo, a proclamação da junta de Salvação Nacional, as ultimas vítimas da PIDE, a libertação dos presos políticos, o regresso dos exilados, com destaque para Mário Soares e Álvaro Cunhal, o primeiro 1º de Maio em Liberdade.

Depois, novos rumos e os primeiros sinais de crise política: os governos provisórios, o fim da censura, as greves e os saneamentos, a demissão de Palma Carlos e tomada de posse de Vasco Gonçalves. Com o 28 de Setembro, Spínola é substituído por Costa Gomes. Vêm-se os congressos partidários (PCP, PS, PPD, CDS) e as primeiras eleições livres, com o celebre frente -a -frente televisivo Soares-Cunhal, enquanto nas ruas se instala o PREC (Processo Revolucionário em Curso): o 11 de Março e as nacionalizações, ocupações de casas, terras e fabricas, o julgamento de Zé Diogo, as campanhas de dinamização do MFA, o juramento militar revolucionário do Ralis, a visita de Jean-Paul Satre, os casos Republicana e Renascença, a “batalha da produção” de Vasco Gonçalves e a V Divisão de Ramiro Correia. Assaltos a sedes do PCP e do MDP/CDE, o comício do PS na Fonte Luminosa e o documento dos Nove, onde pontifica Melo Antunes, acompanham o declínio de Vasco Gonçalves, cujo V governo é substituído pelo Vi de Pinheiro de Azevedo. O cerco á Constituinte e um largo “flashback” sobre o processo de descolonização, com a consequente vaga de retornados das ex-colónias, antecedem no filme o 25 de Novembro, com a vitória militar das tropas de Ramalho Eanes e o discurso pacificador de Melo Antunes (Público)

(Portugal 1994)

Este programa foi elaborado com base na serie “anos 70, imagens de uma Década “ (RTP 1980), de Joaquim Furtado, Joaquim Vieira, Perez Metello e Solano de Almeida

Edição: Joaquim Furtado, José Solano de Almeida, Cesário Borga, Isabel Silva costa

Colaboração: de Ana Rosado, Carlos Alberto Rodrigues, Fernanda Bizarro, Henrique Vasconcelos, Luísa Vaz, Rui Araújo

Anotação: Maria João Martinho

Montagem e pós produção vídeo: Rui Madruga

Pós produção áudio: Miguel Sá Marques

Coordenação Geral: João Grego Esteves

Direcção: José Eduardo Moniz e Adriano

* sinopse da editora

AS ARMAS E O POVO

No dia primeiro de Maio de 1974(Dia do trabalhador) o povo português veio á rua livremente confirmar o 25 de Abril. Foram vários milhões de pessoas em todo o país que de braço dado com militar se mostraram ao mundo como foi conquistar a Liberdade. Esta inesquecível manifestação popular dificilmente se voltará a repetir

Realização, Produção e Argumento: Sindicato dos Trabalhadores da Produção de Cinema e Televisão (Acácio de Almeida, Alberto Seixas Santos, António da Cunha Telles, António Escudeiro, António de Macedo, António Pedro Vasconcelos, Artur Semedo, Eduardo Geada, Elso Roque, Fernando Lopes, Fernando Matos Silva, GLauber Rocha, João Matos Silva, José Fonseca e Costa, José de SÀ Caetano, Luís Galvão Teles, Manuel Costa e Silva, Moedas Miguel e outros)

Musica: Canções de José Afonso e José Mário Branco cedidas ao sindicato de Trabalhadores da Produção de Cinema e televisão

Colaboração: colaboraram neste filme amadores de cinema, profissionais de rádio, cinema e de imprensa

* sinopse da editora

A NOITE DO GOLPE DE ESTADO

De Ginette Lavigne, centra-se na figura de Otelo Saraiva de Carvalho e na memória dos passos que deu, dos gestos que fez, das palavras que disse entre o fim da tarde de 24 e as 13 horas de 26 de Abril de 1974, no posto de Comando do Movimento das Forças Armadas, na Pontinha.

A tarefa cinematográfica parece impossível á partida

A realizadora francesa propõe-se manter Otelo na tela, ininterruptamente, durante 52 minutos.

Primeiro, num “travelling” de alguns minutos, em manhã nevoenta, na gare marítima donde o estratega do 25 de Abril partiu, em 3 de Julho de 1961, para a sua primeira comissão militar. O

resto do tempo, numa pequena sala onde o próprio Otelo reconstitui o ambiente da noite do Golpe de Estado, cerrando cortinas, verificando telefones, tirando da pasta de coro e pregando na parede o celebre Mapa de Estradas do AC, bem como uma pistola Walter, que ficará na mesa, todo o tempo, á mão de semear.

Otelo (que no inicio do filme fala do sonho juvenil de frequentar “ o Actor’s Studio de Nova Iorque “) potencia nesta prova difícil as suas grandes capacidades de comunicador.

À excepção dos momentos em que dialoga ao telefone com imaginários interlocutores, o tom da voz, a postura perante a câmara, o domínio do corpo e dos tempos da fala mantêm o espectador preso ao ecrã.

Vitoria não menos importante da realizadora e do actor /personagem real: ainda que centrado apenas numa figura – que não actuou sózinha, longe disso – o filme passa incólume aos perigos da mitificação.

Realização e Argumento Ginette Lavigne

Com Otelo Saraiva de Carvalho

Vozes. Joaquim Furtado, João Canto e Castro, José Filipe Costa, Manuel Mozos

Musica “E depois do adeus “ de Paulo de Carvalho, Movieplay “Grândola vila morena” de José Afonso, Movieplay “ Jacaranda” de Marc perrone .Le chan du Monde

Imagem:Joao Ribeiro, Richard Prost

Som: António Pedro Figueiredo, Francisco camino.

Montagem: Ginette Lavigne

Produção:LX filmes ,RTP

Filmado: em Lisboa e na “ La Maison de l’Arbe, Montreaul

Premio da competição francesa, júri da critica – festival Internacional do Documento / Marselha2001,Menção Honrosa – Festival de Kalamata /Grécia .

* sinopse da editora

"CAPITÃES DE ABRIL"

"HÁ MOMENTOS EM QUE A ÚNICA SOLUÇÃO É DESOBEDECER."

Em Portugal, na noite de 24 para 25 de Abril, uma canção desencadeia um golpe de Estado militar que irá mudar a face do país e o destinos dos Territórios que então dominada em África. Ao som do poeta Zeca Afonso, as tropas revoltosas tomam os quartéis. A Revolução Portuguesa distingue-se pelo carácter aventureiro, tanto como pacífico e lírico. * (2000 - 119m)

Com Stefano Accorsi, Maria de Medeiros, Joaquim de Almeida e Frédéric Pierrot

Realização: Maria de Medeiros

Produção: LusoMundo sa

* sinopse da editora

Porto Setembro 2008